

**UNIVERSIDADE ANHANGUERA DE SÃO PAULO (UNIAN)**

**Diretoria de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e Pesquisa**

**Mestrado Profissional Adolescente em Conflito com a Lei**

**Letícia Roisenberg**

***Violência e sofrimento social na trajetória de sujeitos que fazem uso  
abusivo de drogas: um estudo qualitativo***

**São Paulo**

**2014**

**UNIVERSIDADE ANHANGUERA DE SÃO PAULO (UNIAN)**

**Diretoria de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e Pesquisa**

**Mestrado Profissional Adolescente em Conflito com a Lei**

**Letícia Roisenberg**

***Violência e sofrimento social na trajetória de sujeitos que fazem uso abusivo de drogas: um estudo qualitativo***

Trabalho Final apresentado, como Exigência parcial à Banca Examinadora da Universidade Anhanguera de São Paulo – UNIAN, para obtenção do título de MESTRE em Adolescente em Conflito com a Lei, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Artur Malvasi.

**São Paulo**

**2014**

S581v Silva, Letícia Roisenberg da

Violência e sofrimento social na trajetória de sujeitos que fazem uso abusivo de drogas: um estudo qualitativo. / Letícia Roisenberg da Silva. – São Paulo, 2014.

112 f; il.; 30 cm

Dissertação (Mestrado, Área de concentração: Profissional Adolescente Em Conflito com a Lei) – Coordenadoria de Pós-graduação, Universidade Anhanguera de São Paulo, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Artur Malvasi

1. Violência. 2. Sofrimento social. 3. Uso abusivo de drogas  
4. Adolescência. I. Título. II. Universidade Anhanguera de São Paulo.  
III. Malvasi, Paulo Artur.

CDD 615.82

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Profº Dr. Paulo Artur Malvasi**

(Presidente)

---

**Profº Dr. Elcio Nogueira Santos – UNIFESP**

(Primeiro Membro Titular Externo)

---

**Profª Dra. Luciene Jimenez – UNIBAN**

(Segundo Membro Titular Interno)

---

**Profª. Dra. Ana Paula Gaudeano**

(Suplente Externo)

---

**Profª. Dra. Neusa de Jesus**

(Suplente Interno)

## AGRADECIMENTOS

É quase inacreditável ter chegado até aqui. Só eu e D'us sabemos como foram esses dois anos, idas e vindas quase semanais entre Rio de Janeiro e São Paulo, envolvendo táxi, avião, vários ônibus (muitas vezes em pé), voos atrasados, cancelados, passagens caras, me privando de dormir para estudar nos trajetos. Como fazer diferente se um tema tão apaixonante como esse só existe em único local no Brasil em termos de Mestrado? A paixão e o inconformismo foram grandes motivações para continuar, além de desejar profundamente ter um diferencial para atuar nesta área. D'us me guardou em todo tempo, em tantos detalhes revelando sua fidelidade e amor. Eterna dívida de gratidão faz com que eu me entregue mais para ser instrumento de benção.

Meus pais, irmãs, cunhado, sobrinha e namorado são meus maiores bens nesta vida, parceiros na oração, amizade e compreensão (eu quase sempre voltava de viagem mal-humorada de cansaço). Sem o suporte financeiro de meus pais, não teria sido possível este projeto de vida. Amo vocês de alma, e quero honrá-los sendo benção através do investimento que fizeram em mim.

Ao OGIDERJ, coordenação e equipe de trabalho, obrigada! E aos usuários do serviço que se disponibilizaram tão prontamente a serem entrevistados por mim, vocês são a parte mais importante disso tudo! Que o retorno desta pesquisa sirva, se não diretamente para vocês, para a sociedade de vocês.

Minha célula foi incansável no companheirismo sempre que eu não podia estar presente fisicamente. Espero poder recompensar no amor!

Meu orientador, Paulo Malvasi, peça fundamental, de professor até se tornar minha maior referência em SP. Compreendeu minhas limitações e foi incansável em me trazer de volta para o eixo, diminuindo minha ansiedade.

Por fim, eu soube da existência deste curso através do Carlos Nicodemos, por quem tenho muita gratidão e admiração.

ROISENBERG, Letícia. **Violência e sofrimento social na trajetória de sujeitos que fazem uso abusivo de drogas: um estudo qualitativo.** Dissertação do Mestrado Profissional Adolescente em Conflito com a Lei. UNIBAN. São Paulo, 2014.

## RESUMO

Esta dissertação analisa narrativas sobre consumo abusivo de drogas e situações de sofrimento vivenciadas durante a adolescência de usuários do Observatório de Gestão e Informação sobre Drogas do Estado do Rio de Janeiro (OGIDERJ). O estudo objetivou relacionar os diversos tipos de violência e dor vivenciados por um grupo de adultos atendidos pela pesquisadora no OGIDERJ e conhecer o lugar dos fatos narrados na trajetória de uso e abuso de drogas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevistas e da observação participante registrada em diários de campo. O estudo recuperou eventos considerados marcantes na vida dos usuários. A pesquisa constatou que as referências a situações familiares e relacionadas ao trabalho foram recorrentes e comumente associadas ao sofrimento gerado pela ideia de falha na busca de status social. Observou ainda que as histórias narradas tratam de um sentimento de fracasso com relação ao ideal de masculinidade e sucesso experimentado desde a adolescência pelos participantes do estudo.

**Palavras-chave:** violência; sofrimento social; uso abusivo de drogas; adolescência.

## **SUMMARY**

This dissertation analyses narratives about drug abuse and situations of suffering experiences lived during the adolescence of users of the Observatory of Management and Information about Drugs of the State of Rio de Janeiro (OGIDERJ). The study aimed to relate the different types of violence and pain experienced by a group of adults assisted by the researcher at the OGIDERJ and get to know the place of the facts described in the course of use and abuse of drugs. This is a qualitative research, made through interviews and participant observation registered in a Field journal. The study recovered events considered noteworthy in users' lives. The research notes that the references to family situations and related to work were recurrent and commonly associated to suffering generated by the idea of fault in the search of social status. Also noted that the stories told say about a sentiment of failure regarding the ideal of masculinity and success experienced since the adolescence by the participants of the study.

**Key words:** violence; social suffering; drug abuse; adolescence.

“Mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”(ROSA, 1956).

“Se a humanidade ignora o sentido da Vida e jamais poderá discerni-lo, é impossível distinguir a justiça da iniquidade, o belo do horrendo, o criminoso do sublime, a dignidade do aviltamento” (COMPARATO, 2010).



## SUMÁRIO

- Introdução – p.6
- Capítulo I – Cenário Institucional: itinerários percorridos no uso de drogas e as políticas públicas: p.23
- Capítulo II – Entrevistas com interlocutores da pesquisa: p. 35
- Capítulo III – Sofrimento e ordem social: famílias, masculinidade e violência: p.83
- Considerações finais – p.100
- Referências bibliográficas – p.103
- Anexo – p. 109

## INTRODUÇÃO

A escolha de abordar a problemática do início da trajetória do uso de drogas na adolescência de pessoas com histórias de vida marcadas pelas múltiplas formas de violência deve-se à minha experiência de três anos como Assistente Social no Sistema Socioeducativo do Rio de Janeiro (DEGASE- Departamento Geral de Ações Socioeducativas), mais especificamente no acompanhamento da Medida Socioeducativa de Semiliberdade com adolescentes do sexo masculino (CRIAAD Penha-Centro de Referência Integrado de Atendimento ao Adolescente), e posteriormente no acompanhamento ambulatorial de adultos (a partir de 18 anos) usuários de álcool e outras drogas no Observatório de Gestão e Informação sobre Drogas do Estado do Rio de Janeiro (OGIDERJ), onde me encontro até a presente data. No início desta dissertação, órgão da Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos – SEASDH, pertence atualmente à Secretaria de Prevenção à Dependência Química – SEPREDEQ.

Atuando como Assistente Social no referido OGIDERJ, descobri-me como pesquisadora e desenvolvi a pesquisa participante. Foi um duplo lugar em que me encontrei, pesquisando o próprio objeto, deparando-me com o desafio de separar o eu-trabalhador do eu-pesquisador, buscando distanciamento das minhas próprias questões para poder ouvir o sujeito em toda sua complexidade e percepção sobre sua história e contexto em que se encontra. Encontrei apoio no suporte da equipe e parceiros de trabalho, assim como em acompanhamento terapêutico para que eu não transferisse para o sujeito que eu escuto as minhas próprias questões, como se fossem dele, quando são minhas. Busquei desenvolver a escuta como método de distanciamento, dando espaço para que a pessoa falasse sem ser interrompida ou completada nas suas interpretações, ou mesmo interpretar para ela. O que havia era a tentativa de orientá-la, ajudá-la a encontrar uma possível alternativa para fazer uma

escolha assertiva diante de suas questões, assim como conscientizá-la a respeito de seus direitos e deveres enquanto cidadã, mostrando como fazer para se apropriar desses direitos, qual caminho percorrer. Descobri que, para mim, tornou-se necessário conhecer melhor sua perspectiva, e quis produzir algo que pudesse contribuir para que os leitores também tivessem essa possibilidade.

Durante todo o tempo da pesquisa, tive como norte o Código de Ética Profissional do Serviço Social (1993), respeitando o trabalho inter e multidisciplinar proposto pela instituição. Todos os grupos realizados no OGIDERJ são compartilhados pela “dobradinha” Serviço Social-Psicologia. Para a realização da pesquisa, todos os usuários (do serviço) que participaram consentiram livremente, colocando o desejo de terem o retorno sobre “como foi”. Esta expressão foi usada por eles durante os encontros que se seguiram à entrevista, visto que construí vínculo com os entrevistados e alguns deles eu continuo acompanhando, o que será discutido posteriormente.

Na maioria dos casos atendidos por mim desde julho de 2012, desenvolvi a hipótese de que os usuários iniciaram o uso de drogas durante o período da adolescência e que este uso esteve ligado a situações que parecem envolver a vivência de algum tipo de violência (psicológica, física, sexual, negligência, condições sociais), implícita ou explícita, simbólica ou física, tanto por parte da família (doméstica) quanto pelo Estado (na sua presença ou ausência) ou poder paralelo (ditando suas regras), acarretando algum tipo de dor e a “necessidade” de anestesiá-la.

O mal-estar não pode ser observado e explicado independentemente das dinâmicas sociais e dos interesses políticos e econômicos que o constroem, reconhecem e nomeiam. As interpretações do sofrimento apelam a uma consciência da história do discurso que as elabora, cujo contexto é sempre o das relações de poder locais. Necessariamente, um olhar crítico sobre o sofrimento considera, portanto, as práticas e estratégias – produzidas e sustentadas dentro de um quadro de relações de poder – que o definem e o aliviam, avaliando a posição dos interlocutores e a ideologia veiculada pelas categorias em jogo. (PUSSETTI, 2011).

Foi a partir do acúmulo destas percepções e das narrativas subjetivas da dor que foi feita a escolha pelo tema a ser pesquisado, que são as trajetórias de sujeitos que iniciaram o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência. Busco identificar e compreender seus itinerários. Tenho, portanto, como hipótese, que num contexto de uso abusivo de drogas existe uma relação entre violência e o início deste uso na adolescência. Como objetivo principal, pretendi conhecer o significado atribuído pelos entrevistados na pesquisa da relação entre violência e início do uso de drogas na adolescência e, como objetivos específicos, conhecer qual era o cenário de violência que envolvia os sujeitos da pesquisa quando foi feita a “escolha” pela droga, além de investigar se havia outras alternativas além das substâncias psicoativas durante o período da adolescência dos entrevistados e analisar se a droga tem seu papel de suporte no enfrentamento da dor.

Todos os seres humanos, apesar das inúmeras diferenças biológicas e culturais que os distinguem entre si, merecem igual respeito, como únicos entes no mundo capazes de amar, descobrir a verdade e criar a beleza. Reconhecimento universal de que, em razão dessa radical igualdade, ninguém, nenhum gênero, etnia, classe social, grupo religioso ou nação, pode afirmar-se superior aos demais. (COMPARATO, 2010, p. 13).

Os participantes da pesquisa foram os guias para a elaboração desta dissertação. As entrevistas realizadas trouxeram à tona conceitos e categorias que me levaram além do que havia sido proposto como hipótese de pesquisa. Inicialmente eu imaginava que eles responderiam “exatamente” o que eu esperava ouvir, que era a relação “direta” entre “violência” e o início do uso de drogas. No entanto, nos casos apresentados nesta pesquisa, houve recorrências em suas falas, ou seja, novas categorias surgiram, não em substituição às que havia inicialmente, mas diria que em complementação, como a trajetória com relação à “família” na infância e adolescência, a questão do “limite” (falta de), (perda de) “oportunidades”, “desemprego”, “ser alguém”, “alcoolismo paterno”, questões que me levaram a ressignificar a centralidade da droga na experiência dos meus interlocutores.

“Como se mede o dano causado por uma droga?”, pergunta Fiore (2013, p.168), dizendo que cada um dos sujeitos tem uma perspectiva particular de dano, malefício ou consequência negativa que as drogas poderiam ter lhe causado. Coloca também que é importante reconsiderar o papel das escolhas morais e das agências individuais nas escolhas feitas pelos sujeitos quando consumidas as drogas. A compreensão das escolhas, segundo o mesmo autor, não pode ser feita sem considerar o leque amplo de valores culturais e morais sob os quais os sujeitos optam e agem ao longo de suas trajetórias. “Não se trata de ignorar a natureza bioquímica do hábito de alterar a percepção por meio de drogas, nem tampouco voltar a julgá-lo moralmente, mas de levar a sério os valores sob os quais os sujeitos orientam suas escolhas...” (p. 173).

Foi essa a busca das entrevistas: reconhecer os valores que orientaram a experiência dos meus interlocutores em situações de vida narradas por eles. Busquei atentar para o silêncio e as pausas dadas pelos entrevistados, caracterizadas pelas reticências, numa tentativa de não interferir/induzir os mesmos a me ajudarem a concluir e confirmar o que tinha como hipótese, pois quando este sujeito significa a violência é uma coisa; quando eu, pesquisadora, significo-a, é outra.

Concordo com Minayo (2012) e sua reflexão baseada em diversos autores:

A interpretação deve ir além dos entrevistados e surpreendê-los, pois quando eles deram seus depoimentos, não tinham consciência de tudo o que seria possível compreender, a partir de suas falas, sobre seu tempo, seus contemporâneos e sobre a sociedade em que vivem. (MINAYO, 2012).

Cada um possui uma identidade singular, inconfundível com a de outro qualquer. Ninguém pode experimentar, existencialmente, a vida ou a morte do outro: são realidades únicas e insubstituíveis. Como bem colocou Heidegger, é sempre possível morrer em lugar de outro, mas é radicalmente impossível assumir a experiência existencial da morte alheia (COMPARATO, 2010).

Segundo Comparato (2010), em “A afirmação histórica dos direitos humanos”, o ser do homem não é permanente e imutável, é “um vir-a-ser, um contínuo devir”. A modalidade de cada ser humano é moldada por todo o peso do passado. Cada um de nós já nasce com uma visão de mundo moldada por um passado coletivo, carregado de valores, crenças e preconceitos.

A essência do ser humano é evolutiva, porque a personalidade de cada indivíduo, isto é, o seu ser próprio, é sempre, na duração de sua vida, algo de incompleto e inacabado, uma realidade em contínua transformação. Toda pessoa é um sujeito em processo de vir-a-ser. O ser humano apresenta essa característica singular de um permanente inacabamento. Neste sentido, pode-se dizer que o homem é o único ser incompleto pela sua própria essência (...). (COMPARATO, 2010, p. 42).

O tema “drogas” vem recebendo atenção crescente nos últimos tempos, sendo uma questão das mais complexas atualmente. Todos os segmentos da sociedade (poder público, profissionais da área, mídia, senso comum) possuem uma opinião sobre o assunto, e têm expectativas diferenciadas de enfrentamento.

Detentor de uma trajetória singular, com semelhanças com os demais, mas único na percepção e absorção de suas vivências, o usuário de substâncias psicoativas precisa ser visto de forma integral, e não apenas isoladamente em seu uso e/ou abuso de drogas, o que é mais simples, pois demanda menos esforço de elaboração subjetiva e objetiva/social. Sua história e dinâmica familiar, relação com o meio, ingresso na rede de ensino e mercado de trabalho, enfim, cada área pela qual o sujeito passa traz uma marca diferente (e totalmente individual) para quem a vivencia.

Segundo Antunes (2013) na reportagem “A droga e o pânico social”, pesquisas revelam que a dependência química não é causada pelo suposto “vício na primeira traga” — mas pelas condições sociais dramáticas em que vive a grande maioria dos usuários. Este contexto socioeconômico, referido na citação, tem a ver com talvez um dos fatores mais críticos que envolve a escolha do sujeito, consciente ou não, por experimentar uma espécie de “anestesia”, ou seja, não sentir os efeitos das privações. Esta é uma das

violências, pela ausência e desresponsabilização do Estado/poder público (grande paradoxo do Estado brasileiro, que garante uma democracia formal enquanto viola direitos civis) ou ineficiência/ineficácia das políticas sociais públicas. Entendo que esta questão se desdobra em muitas outras, dentro e fora do espaço familiar, por isso a destaco.

O homem é produto, também, das oportunidades que lhe são oferecidas. Esta “primeira traga” normalmente ocorre durante o período da adolescência.

O adolescente é concebido como pessoa em desenvolvimento, sujeito de direitos e destinatário de proteção integral. A condução peculiar da pessoa em desenvolvimento coloca aos agentes envolvidos na operacionalização a missão de proteger, no sentido de garantir um conjunto de direitos e educar oportunizando a inserção do adolescente na vida social. (VOLPI, 2002).

Este processo, de acordo com Volpi (2002), se dá a partir de um conjunto de ações que propiciem a educação formal, profissionalização, saúde, lazer, e demais direitos assegurados legalmente, objetivando a superação de sua condição de exclusão. A exclusão não é uma ausência de relação social, mas um conjunto de relações sociais particulares da sociedade tomada como um todo, segundo Castel (2001). Vários autores e pesquisas apontam para a reflexão de que esta população em situação de risco tem poucas possibilidades de escolha, haja vista que ao mesmo tempo em que é ameaçada pela falta de acesso a direitos, ameaça os demais por estar em situação de vulnerabilidade.

Tenho observado ao longo da pesquisa participante que determinadas condições sociais muitas vezes acarretam vivências de violência para os sujeitos nelas envolvidos. Limitações do espaço físico, o convívio de muitas pessoas e de diversas gerações no mesmo ambiente, privações financeiras pela não inserção ou inserção precária no mercado de trabalho, moradia em local de risco, entre outros fatores, contribuem para a fragilização dos vínculos familiares e para a vulnerabilidade do sujeito, facilitando, como será visto adiante, a escolha por caminhos danosos. É fundamental, como diz Galeano (2006), conhecer a realidade para modificá-la. Portanto, é preciso um olhar

atento para a trajetória da pessoa e não apenas para as questões que surgem de forma isolada.

No entanto, não é somente esta população que busca o serviço público. Corremos o risco aqui de fazer uma grave associação entre pobreza e uso de drogas. Esta não é minha intenção. O que ocorre é que, normalmente, quem acessa as políticas públicas é quem mais necessita das mesmas, embora estejam “disponíveis” para todos os cidadãos, conforme nos garante a Constituição Federal de 1988. Pessoas dos mais variados níveis socioeconômicos, culturais e políticos fazem uso/abuso de substâncias psicoativas, ou seja, qualquer um que se encontre desprovido de recursos (muitos buscam consultórios e clínicas particulares) ou deseje por direito ser acompanhado por um serviço público pode chegar até a instituição. A questão é que existe um sofrimento inerente à vida, ao simples fato de estar vivo, assim como diferentes formas de se enfrentar este sofrimento.

O sofrimento social vem sendo discutido por pesquisadores brasileiros em diferentes contextos, normalmente associado às populações socialmente excluídas, vítimas de violência e da miséria crônica, seja esta violência originada no Estado ou mesmo na família. Busco nesta pesquisa discutir também o conceito de sofrimento social, englobando não apenas sua dimensão teórica, mas aquela que conduz à intervenção e transformação da realidade, segundo a antropóloga indiana Veena Das, referência para este trabalho. Esta autora trata da violência social que é incorporada no dia a dia. Das, segundo Carvalho(2008), chama de eventos críticos a estas circunstâncias provocadoras, caracterizados pela brutalidade de instituições como a família, o Estado, ou grupos religiosos ou econômicos. Das afirma que a compreensão e o reconhecimento da dor – a própria dor – não se constitui numa circunstância apenas individual, apoiada no mundo interior de um sujeito. É notável nos textos de Das, para Carvalho (2008), sua preocupação em buscar sentido naquilo que não tem sentido, mas que nós insistimos em chamar de humano:

Assim, esta humanidade do comportamento associado, por exemplo, à violência extrema, não deveria ser buscada apenas no indivíduo que conduz essa violência, mas nas próprias situações do cotidiano



que aquele e outros indivíduos estão experienciando. (CARVALHO, 2008).

Segundo o autor, este entendimento sobre a violência extrema e não humana, como efeito das relações sociais, pode ser inserido nas discussões que culpabilizam o indivíduo, afastando os componentes históricos e imaginários que sustentam esta violência e sua “falta de sentido”.

Para Kleinman e colaboradores (1997), o sofrimento social congrega uma grande variedade de experiências de dor, trauma e distúrbios – na fome, na violência doméstica, no stress pós-traumático, na doença crônica, ou nas doenças sexualmente transmissíveis que envolvem, simultaneamente, situações de saúde, bem-estar, justiça, moralidade e religião. Nesse sentido, o que melhor caracteriza o sofrimento social é sua compreensão não como problema médico ou psicológico, o que reforçaria sua dimensão individual, mas como uma experiência social (1997). Suas raízes estão, desta forma, intimamente ligadas aos processos sócio-políticos nos quais podem ser encontradas formas de violência e a opressão (...). Ao invés de considerar a violência como um fenômeno social cujas causas são distantes e indefinidas ou localizando-a no domínio do sujeito e da patologia, ela persegue os efeitos que certos eventos críticos promovem nos discursos e nos corpos daqueles que são, habitualmente, os principais e os primeiros receptáculos da violência do Estado e da família (...). (CARVALHO, 2008).

O conceito de sofrimento social caracteriza-se pela compreensão das situações de aflição e dor como experiências sociais e não como problemas individuais (MALVASI, 2011). Existe em geral, por parte da população, a inexistência de uma reflexão mais aprofundada sobre os importantíssimos determinantes sociais do uso problemático de drogas. A complexidade real do tema é muito maior do que parece à primeira vista. De forma geral, os usuários de drogas fazem parte de uma população que não é ouvida, mas assujeitada da sua própria história, sem autonomia, sem voz. Artigo sobre a violência social no itinerário de travestis coloca que:

No campo da saúde coletiva a noção de violência tem recebido um tratamento abrangente, sendo abordada como um conjunto que envolve a possibilidade ou a ameaça potencial de uso da força física, os abusos nas relações entre grupos sociais, a opressão e o abandono de segmentos populacionais, o abalo causado por torturas

físicas e emocionais, acontecimentos que manifestam as tensões presentes em todas as sociedades humanas. (MINAYO, 2006).

Com efeito, a violência é um fenômeno de causalidade complexa, que envolve diversas dimensões da experiência humana. Segundo Minayo (2006), tal fenômeno ganha contornos decisivos na contemporaneidade, pois dramatiza causas emergentes e as situam no debate público.

Há um grupo de pesquisadores americanos que nas últimas décadas vem discutindo os conceitos de violência e sofrimento social (KLEINMAN, Das e Lock, 1997, 2000). Para eles, a violência sofrida por diversos grupos e pessoas é gerada em meio a dinâmicas sociais marcadas por relações desiguais de poder que caracterizam a organização das sociedades contemporâneas.

A violência social é fruto de uma ordem moral, produzida e sustentada dentro de um quadro de relações de poder, que replica formações culturais, moldando, torcendo, dobrando e, frequentemente, fraturando a vida de pessoas (KLEINMAN, 2000). Nesse sentido, a abordagem desses pesquisadores dialoga com a noção de violência simbólica - que se manifesta de maneira sutil, nem sempre é visível, porém permeia as relações de desigualdades presentes em uma sociedade (BOURDIEU, 1970) -, e com a de violência estrutural - gerada por sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte (MINAYO, 1994).

O sofrimento social, na perspectiva desses autores, resulta de uma violência cometida pela própria estrutura social, e também é visto na resposta aos problemas humanos por parte das instituições de política e os programas sociais que são, em princípio, organizados para melhorar o problema (KLEINMAN, 2000). O conceito de *sofrimento social* se caracteriza pela compreensão das situações de aflição e dor como experiências sociais, e não como problemas individuais, como vemos na maioria das vezes ocorrendo. Essa abordagem possibilita o olhar para as experiências individuais de sofrimento em diferentes contextos, observando as ambiguidades das práticas

institucionais voltadas para abrandar o sofrimento dos sujeitos tidos como excluídos e vulneráveis e que, de forma contraditória, resultam na sua intensificação (KLEINMAN, Das eLock, 1997).

A violência é crucial no processo social de rotinização, legitimação, normatização e simplificação através das quais a ordem do mundo social se impõe à experiência dos indivíduos (KLEINMAN, 2000). Essa violência social, simbólica e estrutural revela-se na família, na escola e comumente nos espaços públicos, em que não raras vezes se classificam os sujeitos em categorias rígidas, através de mecanismos complexos de patologização, criminalização e exclusão social.

O caráter único e insubstituível de cada ser humano, portador de um valor próprio, demonstra que a dignidade da pessoa existe singularmente em todo indivíduo. Para Comparato (2010), a compreensão da dignidade suprema da pessoa humana e de seus direitos, no curso da História, tem sido, em grande parte, o fruto da dor física e do sofrimento moral.

Uma leitura antropológicamente sensível do sofrimento é, portanto, uma questão política e uma responsabilidade ética em relação a atores sociais, tantas vezes silenciados, e que consideramos, antes de tudo, como sujeitos políticos e morais que, muitas vezes, manifestam sintomas produzidos pela estrutura social, pelas suas desigualdades ou pelas profundas feridas da história.(PUSSETTI, 2011).

Compreendo que não existe uma única questão social e por isso cito algumas que considero centrais. Questão social apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, apresentadas no cotidiano, tal como o indivíduo a experimenta no trabalho, na família, na área habitacional, na saúde, na assistência social pública etc. Yamamoto (2005), autora chave no Serviço Social, coloca que “assim, apreender a questão social é também captar as múltiplas *formas de pressão social, de invenção e de re-invenção da vida construídas no cotidiano*, pois é no presente que estão sendo recriadas formas novas de viver” (p.28), segundo ela, que apontam um futuro que está sendo germinado.

A questão social pode ser caracterizada por uma inquietação quanto à capacidade de manter a coesão de uma sociedade. (...) As populações que dependem de intervenções sociais diferem, fundamentalmente, pelo fato de serem ou não capazes de trabalhar, e são tratadas de maneira completamente distinta em função de tal critério. Velhos indigentes, crianças sem pais, estropiados de todos os tipos, cegos, paralíticos, escrofulosos, idiotas (...) mas todos têm em comum o fato de não suprirem, por si mesmos, as suas necessidades básicas. (CASTEL, 2001, p. 48).

Geertz (1997) inspirou esta pesquisa por conta da antropologia interpretativa, ou seja, por ser fundamental saber que aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto e que há dificuldades práticas de ver as coisas como os outros as veem. “O entendimento do entendimento”, segundo o autor. É desta forma que me coloco enquanto pesquisadora nesta dissertação, a fim de estar atenta aos diversos “entendimentos” na pesquisa participante realizada, buscando um distanciamento em relação aos meus próprios valores, princípios e concepções. “(...) o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las” (GEERTZ, 1997, p. 29). Ele pontua que ver-nos como os outros nos veem pode ser bastante esclarecedor, assim como acreditar que possuem a mesma natureza que possuímos. Coloca o desafio de “ver-nos, entre outros, como apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em um determinado lugar, um caso entre casos, um mundo entre mundos” (GEERTZ, 1997, p. 30).

Hannah Arendt, em “A Condição Humana” (1958), fala sobre um conceito de dor que me identifique nesta pesquisa.

De fato, o sentimento mais intenso que conhecemos – intenso ao ponto de eclipsar todas as outras experiências, ou seja, a experiência de grande dor física – é, ao mesmo tempo, o mais privado e menos comunicável de todos. Não apenas por ser, talvez, a única experiência à qual somos incapazes de dar forma adequada à exposição pública; na verdade, ela nos priva de nossa percepção da realidade a tal ponto que podemos esquecer esta última mais rápida e facilmente que qualquer outra coisa. Não parece haver uma ponte que ligue a subjetividade mais radical, na qual eu já não sou ‘identificável’ ao mundo exterior da vida. Em outras palavras, a dor, que é realmente uma experiência limítrofe entre a vida, no sentido de

‘estar na companhia dos homens’, e a morte, é tão subjetiva e alheia ao mundo das coisas e dos homens que não pode assumir qualquer tipo de aparência. (ARENDDT, 1958, p. 60).

Ela coloca que ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes. Tenho confirmado isso com a experiência do trabalho em grupo, das múltiplas riquezas que surgem com as trocas dentro daquele espaço. Essa autora diz que somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de forma que os que estão à sua volta sabem que veem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna.

Os homens tornam-se seres inteiramente privados, isto é, privados de ver e ouvir os outros e privados de ser vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular que continua a ser singular ainda que a mesma experiência seja multiplicada inúmeras vezes. O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite uma perspectiva. (...) Sob a luz forte das ideias não apenas encontra a verdadeira essência de tudo quanto existe, mas também se encontra a si próprio no diálogo entre ‘eu e eu mesmo’, no qual Platão aparentemente via a essência do pensamento. Estar em solidão significa estar consigo mesmo; e, portanto, o ato de pensar, embora possa ser a mais solitária das atividades, nunca é realizado inteiramente sem um parceiro e sem uma companhia. (ARENDDT, 1958, p. 67).

Partindo do princípio de que a trajetória do homem é historicamente condicionada, sendo este um ser de relações numa sociedade atravessada por profundos antagonismos, considero que a relevância desta pesquisa se dá em um contexto societário que tem como uma de suas características a complexidade das diversas violações de direitos, com estrutura e abrangência deficitárias das políticas sociais públicas, afetando o coletivo familiar e as pessoas individualmente.

É do cenário de existência de diversos tipos de violência que trago meu olhar, meu viés e justificativa para esta pesquisa, buscando relacioná-lo com o início do uso de drogas na adolescência, concordando apenas em parte com a ONU (2006) quando diz que “nenhum tipo de violência é justificável e todo tipo

de violência é evitável”. Sim, nenhum tipo de violência é justificável, mas nem toda ela é evitável. Certamente há dores que nenhum ser que respira gostaria de sentir. Não se pode deixar de sentir dor quando não há possibilidade de escolha. E quando é possível escolher, pode ser que o sujeito não tenha condições naquela conjuntura, de fazer uma escolha assertiva.

Algumas formas de violência não podem ser compreendidas. Esta violência que não pode ser reconhecida como humana, que coloca em jogo o próprio status de humano daquele que a perpetra, fica sem palavras. O que acontece com esta violência, com a memória desta violência? Como esta violência pode ser recuperada e como ela atua sobre os sujeitos, construindo um lugar para ser habitado? (CARVALHO, 2008).

O local para o desenvolvimento desta pesquisa foi o Observatório de Gestão e Informação sobre Drogas do Estado do Rio de Janeiro (OGIDERJ). Adotou-se o referencial qualitativo, por permitir apreender a experiência humana no contexto social em que os sujeitos da pesquisa se encontram – grupos terapêuticos – sem introduzir modificações nesse ambiente, mas buscando ver como eles veem, conforme sugere Geertz (1997), percebendo qual o significado que eles dão para suas vidas, suas histórias e experiências, para além das palavras, o silêncio, o corpo. O método escolhido — estudo de caso —, adaptado às Ciências Sociais, permite abranger não só um indivíduo, mas uma organização ou comunidade. O modo de investigar acontece na observação do comportamento humano em grupo, considerando-se a individualidade e os comportamentos e relações interpessoais.

Para Minayo (2012, p. 2), “uma análise para ser fidedigna precisa conter os termos estruturantes da investigação qualitativa que são os verbos: compreender e interpretar; e os substantivos: experiência, vivência, senso comum e ação social”. Ou seja, o que o ser humano apreende no lugar que ocupa no mundo e nas ações que realiza, pois o sentido da experiência é a compreensão – o ser humano compreende a si mesmo e ao seu significado na vida. Já a vivência é produto da reflexão pessoal sobre a experiência. Embora a experiência possa ser a mesma para vários indivíduos, a vivência de cada

um sobre o mesmo episódio é única e, segundo esta autora, depende de sua personalidade, de sua biografia e de sua participação na história. “Embora pessoal, toda vivência tem como suporte os ingredientes do coletivo em que o sujeito vive e as condições em que ela ocorre” (p.2). O senso comumé proveniente das experiências e das vivências que orientam o ser humano nas várias ações e situações de sua vida, sendo constituído de opiniões, valores, crenças e modos de pensar, sentir, relacionar e agir. “Dado o seu caráter de expressão das experiências e vivências, o senso comum é o chão dos estudos qualitativos” (p.2). A ação pode ser definida como “o exercício dos indivíduos, dos grupos e das instituições para construir suas vidas e os artefatos culturais, a partir das condições que eles encontram na realidade” (p.2). O verbo principal da análise qualitativa é compreender, que significa exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro. Para que isto ocorra, “é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total” (p.2). Mas também, conforme a mesma autora, “é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere” (p.2).

Toda compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos. (...) Interpretar é um ato contínuo que sucede à compreensão e também está presente nela: toda compreensão guarda em si uma possibilidade de interpretação, isto é, de apropriação do que se compreende.(MINAYO, 2012, p. 6).

“Entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”, dizem Fontana e Frey (DUARTE, 2005). Busca-se nesta etapa, um diálogo crítico com a realidade, identificando, através das entrevistas e consulta ao diário de campo, diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. É através da análise das biografias do sujeito que podemos compreender o impacto da violência no âmbito da experiência cotidiana, da forma como ele conta sua história,

considerando fortemente seu contexto de vida quando começou o uso de drogas.

Os sujeitos da pesquisa foram 05 adultos do sexo masculino, pertencentes aos grupos terapêuticos. A escolha dessas trajetórias específicas se deve à proximidade que estabeleci com essas pessoas. Tal proximidade permitiu recuperar a voz desses personagens, e descrever de que modo os sentimentos com relação ao abuso de drogas são incorporados na vida cotidiana, partindo do princípio de que as emoções são experiências e estratégias retóricas pelas quais as pessoas expressam, reclamam, promovem, proíbem ou justificam suas ações. Esta abordagem permite a investigação de experiências individuais de sofrimento em um contexto delimitado, observando as ambiguidades nas relações sociais dos sujeitos com instituições como a família e organizações públicas e sociais.

Sou a pesquisadora e, ao mesmo tempo, atécnica de Serviço Social de referência para os sujeitos em questão, compartilhando inicialmente 04 grupos terapêuticos com uma colega Psicóloga (mais explicações serão dadas no capítulo I). Trata-se de realizar pesquisa de campo, sendo o pesquisador inserido por meio dos grupos terapêuticos. Escolhi as seguintes técnicas de pesquisa: observação participante, entrevista e diário de campo.

Observar, na pesquisa qualitativa, significa “examinar” com todos os sentidos um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto, *com o objetivo de descrevê-lo*. (...) A justificativa para o procedimento de observação está no pressuposto de que há muitos elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala ou da escrita. O ambiente, os comportamentos individuais e grupais, a linguagem não verbal, a sequência e a temporalidade em que ocorrem os eventos são fundamentais não apenas como dados em si, mas como subsídios para a interpretação posterior dos mesmos. (...) A observação participante, como uma técnica de pesquisa qualitativa (...) necessidade de o pesquisador estar, ao mesmo tempo, *distante* e *próximo* do objeto de observação, ou seja, dentro e fora do evento observado. (VÍCTORA, Knauth e Hassen, 2000, p. 62).

A observação participante caracteriza-se pela inserção do observador no grupo observado (Caderno de Sociologia, 2009). Esta foi feita duas vezes por semana, inicialmente em 04 turnos, desde julho de 2012 até julho de 2014.



As entrevistas na pesquisa qualitativa podem ser de vários tipos, constituindo um espectro que vai desde uma conversa informal até um questionário padronizado (VÍCTORA, Knauth e Hassen, 2000, p. 64). Nesse caso, a entrevista realizada foi semiestruturada, com roteiro, e individual, tendo como foco a história de vida desses indivíduos. A escolha pela metodologia de história de vida deve-se ao fato de que os adultos desta pesquisa fazem um retorno a suas experiências na adolescência através da memória. “A história de vida pode, além de recuperar as experiências dos indivíduos, recolher também crenças, mitos, tradições, o que permite o melhor entendimento da própria história e trajetória dos informantes” (VÍCTORA, Knauth e Hassen, 2000, p. 67). Como eu já acompanhava todos os entrevistados nos grupos terapêuticos havia um vínculo que possibilitou um clima leve e descontraído nas entrevistas, apesar da temática complexa e dos assuntos que surgiram para além do roteiro sugerido.

Durante todo este tempo, foi feito diário de campo, o instrumento mais básico de registro de dados do pesquisador (VÍCTORA, Knauth e Hassen, 2000), com falas dos usuários e minhas percepções, de forma cronológica. O recurso desta técnica é central neste trabalho, funcionando, no momento de análise, como roteiro para a organização dos demais dados coletados. Nesse diário são registradas as circunstâncias, impressões, sensações e experiências da observação, além da descrição dos locais, de seus participantes, e de suas “falas”. Esse recurso qualitativo de tratamento dos dados torna possível o registro de coisas que passam despercebidas em outras técnicas; no diário de campo estão as minhas interpretações, sendo possível neste instrumento a construção de sua subjetividade. No momento de sistematização e análise dos dados, proceder-se-á à construção de um diálogo entre os registros em que estão as informações do pesquisado e as interpretações do pesquisador; a ideia é que se exponha a intersubjetividade desta relação no texto produzido.

A intenção do estudo, como sustenta a pesquisa qualitativa, foi a de construir argumentos, não de esgotá-los. Os resultados obtidos aqui foram, portanto, momentos parciais, que podem abrir novos caminhos, suscitar outras dúvidas, despertar novas indagações e trazer contribuições para os próximos estudos acerca desse fenômeno tão complexo como o da drogadição

(PEREIRA; Sudbrack, 2008). Propostas de intervenção já em andamento serão colocadas, assim como possibilidades em termos de políticas sociais públicas, na perspectiva da redução de riscos e danos.

No capítulo I falarei a respeito do cenário institucional, de itinerários percorridos no uso de drogas e sobre as políticas públicas. No capítulo II, parte central desta dissertação, estão as entrevistas com os interlocutores da pesquisa. No capítulo III, trarei considerações a respeito do sofrimento e ordem social, refletindo sobre famílias, masculinidade e violência. E, na sequência, minhas considerações finais.

## Capítulo I

### ***CENÁRIO INSTITUCIONAL:***

### ***ITINERÁRIOS PERCORRIDOS NO USO DE DROGAS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS***

O ser do grupo e da coletividade: cada um se define, e é definido pelos outros, em relação a um nós. Mas esse nós, esse grupo, essa coletividade, essa sociedade, é quem, é o quê? (CASTORIADIS, 1982, p. 178).

A conjuntura particular em que esta pesquisa se desenvolveu revela interconexões entre a atuação militante em organizações e movimentos sociais, atividades profissionais e a pesquisa científica. Experiências de pesquisa – como essa – são marcadas pela múltipla entrada do pesquisador em seu campo, um misto de agente interno e, simultaneamente, externo. A ampliação do número de pesquisadores em projetos sociais e políticas levadas a cabo por governos e organizações não governamentais torna a posição dos pesquisadores no campo um misto de parceiro das “populações atendidas”, ator político, pesquisador com interesses próprios no interior do campo – um misto de agente que possui vínculos com o grupo social em questão. Desse modo, a discussão que realizo neste capítulo sobre o contexto institucional é marcada por essa posição híbrida que tenho como profissional que realiza o atendimento de usuários de drogas no OGIDERJ e realizar uma pesquisa para a obtenção do título de mestre, junto aos atendidos no mesmo serviço.

Pretende-se na sequência deste capítulo apresentar o serviço, o cotidiano do atendimento, as dinâmicas disparadas pelas mudanças políticas e também as interações entre usuários do serviço e profissionais.

O consumo de drogas não é uma prática que nasceu nos dias de hoje. Encontra-se presente há séculos, sob diferentes formas, nas culturas tanto ocidentais quanto orientais. O uso de substâncias, lícitas ou ilícitas, está vinculado aos rituais religiosos, à busca do prazer, ao alívio da dor e à aceitação social, dentre outras situações. Em diferentes contextos históricos, o uso de drogas para alterar os sentidos sempre foi uma das necessidades humanas (Cartilha de Redução de Danos, 2010). Os motivos que levam uma pessoa a usar ou não drogas são complexos e múltiplos. Existem aspectos individuais, familiares e coletivos envolvidos. Não é possível identificar apenas uma causa. Caso contrário, corre-se o risco de uma visão reducionista e simplista, que leva a soluções mágicas e irreais, não resolutivas. Deve-se considerar todo o contexto em que se dá o uso, considerando a pessoa (seu jeito de ser, sua história familiar), o contexto social (normas legais, relações estabelecidas na coletividade), a droga em si (seus efeitos, frequência de uso, os danos/prejuízos/perdas, o lugar que ela ocupa na vida da pessoa).

Como orientação geral a respeito do tratamento, recuperação e reinserção social, a Política Nacional sobre Drogas (2005) diz que o Estado deve estimular, garantir e promover ações para que a sociedade (incluindo os usuários, dependentes, familiares e populações específicas), possa assumir com responsabilidade ética, o tratamento, a recuperação e a reinserção social, apoiada técnica e financeiramente, de forma descentralizada, pelos órgãos governamentais, nos níveis municipal, estadual e federal, pelas organizações não governamentais e entidades privadas. O documento coloca também que o acesso às diferentes modalidades de tratamento e recuperação, reinserção social e ocupacional deve ser identificado, qualificado e garantido como um processo contínuo de esforços disponibilizados, de forma permanente, para os usuários, dependentes e seus familiares, com investimento técnico e financeiro de forma descentralizada. Dentre as diretrizes desta política está a de promover e garantir a articulação e integração em rede nacional das intervenções para tratamento, recuperação, redução de danos, reinserção social e ocupacional (Unidade Básica de Saúde, ambulatórios, Centro de Atenção Psicossocial, Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, Comunidades Terapêuticas, grupos de autoajuda e ajuda mútua, hospitais

gerais e psiquiátricos, hospital-dia, serviços de emergências, Corpo de Bombeiros, clínicas especializadas, casas de apoio e convivência e moradias assistidas) com o Sistema Único de Saúde e Sistema Único de Assistência Social para o usuário e seus familiares, por meio de distribuição descentralizada e fiscalizada de recursos técnicos e financeiros.

*Redução de danos* é uma estratégia da Saúde Pública que busca minimizar as consequências adversas do consumo de drogas do ponto de vista da saúde e dos seus aspectos sociais e econômicos sem, necessariamente, reduzir esse consumo. Implica em intervenções singulares que podem envolver o uso protegido, a diminuição do uso da droga, a substituição por substâncias que causem menos agravos ou até mesmo a abstinência. Parte-se da ideia de que a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício. Ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação voltados aos usuários de drogas e suas famílias têm sido viabilizados e garantidos. Esta estratégia apresenta uma compreensão bastante ampliada sobre o uso de álcool e outras drogas nas sociedades atuais, buscando diversificar as formas de lidar com o problema. Não se pauta exclusivamente na abstinência e na prescrição de “comportamentos adequados” (Cartilha de Redução de Danos, 2010).

O CFESS (Conselho Federal de Serviço Social), em aliança com outros movimentos sociais que discutem a política de drogas no Brasil, especialmente na articulação com a Frente Nacional sobre Drogas e Direitos Humanos (FNDDH), defende vários pontos, mas dois serão destacados: priorizar o acompanhamento ambulatorial na rede de saúde em detrimento dos acolhimentos institucionais (antigas internações) e fortalecer a estratégia de redução de danos nas políticas de atenção integral a usuários de drogas. O acompanhamento na modalidade ambulatorial privilegia a inserção do sujeito no seu ambiente/território, contribuindo para o fortalecimento e preservação dos vínculos familiares.

O local em que me encontro enquanto trabalhadora e pesquisadora passou por muitas mudanças ao longo dos anos (que antecederam a minha entrada, inclusive). Desde que entrei (julho de 2012), de CEAD (Centro

Estadual de Assistência sobre Drogas) passou para OGIDERJ (Observatório de Gestão e Informação sobre Drogas do Estado do Rio de Janeiro) e da SEASDH (Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos) para a SEPREDEQ (Secretaria de Prevenção à Dependência Química), como sinalizado na introdução. No início da pesquisa realizávamos acompanhamento ambulatorial de usuários de drogas que fossem do território de abrangência/área programática da instituição em grupos terapêuticos, oficinas (artes, música, habilidades sociais, formação humana, fotografia, palavra) e aconselhamento com técnicos em reabilitação, além de grupos de família (familiares dos usuários atendidos) e grupos de acolhimento ao usuário. Tais atividades eram realizadas porque não tínhamos um CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) naquela área. Este assunto tem sido discutido nos Fóruns de Saúde Mental do Rio de Janeiro. Atualmente há um CAPS AD recém inaugurado no território e a Rede de Saúde (postos de saúde, clínicas da família) tem absorvido, com uma série de dificuldades, os casos ambulatoriais dos locais em que (ainda) não existe CAPS ad.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são considerados serviços estratégicos da Reforma Psiquiátrica brasileira porque assinalam a possibilidade de organização de uma rede substitutiva ao hospital psiquiátrico. Os CAPS prestam atendimento em Saúde Mental em regime de atenção diária, evitando as internações. Dentre seus objetivos, destaca-se o oferecimento de suporte à atenção à Saúde Mental na Estratégia de Saúde da Família (BRASIL, 2005). Existem seis tipos de CAPS, que são diferenciados de acordo com o porte, capacidade de atendimento, clientela atendida e perfil populacional dos municípios: CAPS I, CAPS II, CAPS III (serviços que funcionam 24h, todos os dias da semana), CAPSi (infância), CAPS ad (álcool e drogas) e CAPS III ad. Todos os CAPS são compostos por equipes multiprofissionais, que contam com Psiquiatra, Enfermeiro, Psicólogo e Assistente Social, aos quais se somam outros profissionais do campo da saúde (BRASIL, 2004b). Nos diversos tipos de CAPS, o projeto terapêutico é singular para cada pessoa, contemplando suas necessidades e desejos, podendo sua frequência ao serviço ocorrer de forma intensiva, semi-intensiva e não intensiva (Cartilha de Redução de Danos, 2010).

Os *ambulatórios* disponibilizam, geralmente, atendimentos psicológico e psiquiátrico, que podem ser desenvolvidos individualmente ou em grupo. Os *hospitais* devem disponibilizar internação para os momentos de crise, quando a pessoa oferece risco para si ou para os demais. Recomenda-se que seja de curta duração, para que não se produza o isolamento nem se rompam os laços afetivos e sociais. Não é a melhor forma de cuidado: é uma das possibilidades dentro de um diverso repertório de cuidados. Os *Pronto Socorros* e *Unidades de Pronto Atendimento* (UPA) atendem, geralmente, as urgências e os quadros de intoxicação e abstinência. Observa-se, no entanto, uma deficiência do diálogo entre esses serviços de urgência e emergência e os demais serviços de Saúde Mental da rede (Cartilha de Redução de Danos, 2010).

Desde a mudança de secretaria (final de 2013), nossa diretriz de trabalho mudou. Somos uma central de recepção diária de usuários de drogas, realizando diariamente grupos de acolhimento. Um Assistente Social e um Psicólogo participam desse grupo, ouvindo os mesmos e posteriormente discutindo o caso em equipe, juntamente com quem fez o acolhimento da família do usuário atendido (quando há alguém acompanhando). Encaminhamos o sujeito conforme sua demanda: CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) para acolhimento institucional se estiver em situação de rua, acolhimento no CARE ad – Centro de Acolhimento Regionalizado para Usuários de Álcool e outras Drogas (somos também a Central de Regulação de vagas para estas instituições e para as Comunidades Terapêuticas – recente estabelecimento de parceria entre o poder público e o privado/ONG's/instituições religiosas), acompanhamento ambulatorial na rede de saúde conforme o território de referência do sujeito, encaminhamento para avaliações clínicas e psiquiátricas, respostas a demandas judiciais etc. Ainda há, provisoriamente, a realização de grupos de manutenção (usuários que permanecem com vínculo com a instituição), grupos de transição (usuários que estão em abrigos, que estão aguardando encaminhamento para algum local que se encontra sem vaga ou outra questão específica), grupos de família, oficinas e aconselhamento em dependência química.

Além do acolhimento dos usuários diariamente, fazemos monitoramento/acompanhamento da chegada dos mesmos nas instituições para as quais foram encaminhados e o monitoramento dos equipamentos de álcool e outras drogas existentes no Rio de Janeiro (a equipe é dividida em regiões e cada miniequipe é responsável por uma região). Como desdobramento deste trabalho, há a realização de relatórios técnicos e *checklist* de fiscalização de cada uma destas instituições, com visitas semanais. Este *checklist* ocorre por conta da inscrição de Comunidades Terapêuticas nos editais dos governos federal (SENAD) e/ou estadual(SEPREDEQ), com o objetivo de receberem verba pública. Até este momento, há diversas instituições já credenciadas e outras em processo de credenciamento.

A equipe de trabalho do OGIDERJ, além da Coordenação, é composta por Assistentes Sociais, Psicólogos, Oficineiros, Técnicos em Reabilitação e Enfermeiros. Eu faço, no momento (julho de 2014), juntamente com uma colega Psicóloga, 02 grupos de acolhimento, 01 de manutenção e 01 de transição, além do monitoramento interno (acompanhamento de casos) e externo (visitas institucionais). No início da pesquisa, como dito na introdução, eu fazia 04 grupos terapêuticos (não havia separação entre manutenção e transição, apesar destes serem também chamados de “terapêuticos”), depois 02 de manutenção e 02 de transição, até chegar ao que relatei acima.

Homens e mulheres adultos podem buscar o serviço, que é uma das portas de entrada para usuários de drogas do Estado do Rio de Janeiro, espontaneamente, por determinação judicial, ou encaminhados através da rede de saúde e/ou socioassistencial.

O OGIDERJ tem como objetivos, além dos que foram citados anteriormente: atender demandas espontâneas de usuários no seu raio de abrangência, aperfeiçoar metodologias de intervenção, capacitar equipes dos CARE ad e outros serviços da rede, supervisionar a qualidade dos serviços no CARE ad, regular vagas disponíveis nos CARE ad, monitorar e sistematizar dados sobre o uso de drogas e fluxos de atendimentos nos serviços da rede e,



incorporado mais recentemente às frentes de trabalho, mapear os equipamentos de álcool e outras drogas dos 92 municípios do Rio de Janeiro.

O CARE ad tem por objetivo assegurar proteção social especial de alta complexidade na modalidade de acolhimento institucional, de forma descentralizada (regionalizada), a situações de risco pessoal e social associadas ao uso de álcool e outras drogas.

Na rede de serviços os CARE ad passarão a integrar, de forma complementar, a rede de equipamentos do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e do Sistema Único de Saúde (SUS), respeitando suas diretrizes, bem como a articulação com serviços de outras Políticas Públicas. Os CARE ad não substituem a rede de atendimento local (serviços de acolhimento institucional, CAPS ad, UAs – Unidades de Atendimento, serviços de internação etc.). Podem ser encaminhados para acolhimento nos CARE ad os quadros de intensa fissura/compulsão por drogas e/ou risco psicossocial.

Nos grupos terapêuticos, reconhecemos a importância do cotidiano na elaboração de novas formas de subjetividade provocadas pela perturbação de um evento crítico. “Materializar na história e no corpo o sofrimento faz seu argumento ganhar força na medida em que se afasta de uma abstração e se apoia em carne e discurso” (CARVALHO, 2008). Através da fala, como o dito popular “o remédio entra pelo ouvido e a cura sai pela boca”, temos acompanhado a mudança de trajetória e reconstrução de projetos de vida de diversos sujeitos que por ali passam. São pessoas, como todas as outras, que têm seus sentidos construídos a partir do mundo vivido. Naquele espaço tento compreender não só como é que a violência se instalou nas relações cotidianas, buscando resposta na memória daqueles acontecimentos, mas na “incorporação no imaginário enquanto linguagem, gesto e movimento no cotidiano” (CARVALHO, 2008). É pensar em novas formas de habitar o mundo, ressignificando o passado através de novas narrativas. Mesmo que o pesquisador social não possa se apropriar da dor do outro, ou do que acontece com o outro, pode estar ali como interventor na realidade, reconstruindo relações e desafiando as fraturas do social, segundo Das, citada por Carvalho (2008).

Em face do sofrimento, os sujeitos podem dar sentido àquilo que os atormenta e os coloca num outro lugar social, familiar, subjetivo não apenas através de narrativas que expliquem e deem sentido àquelas experiências, mas também por ações que, como entendo, se fazem no âmbito de um imaginário mais imediato, mediado pelas relações afetivas e familiares nas quais os sujeitos estão engajados, utilizando de recursos que incluem linguagem e corpo no mesmo espaço de relações. (CARVALHO, 2008).

Segundo Fiore (2013), o uso de algumas substâncias psicoativas, que se convencionou chamar de drogas, é um fenômeno ancestral alçado à condição de problema social recentemente por meio de um dispositivo de incitação e repressão. Na história da humanidade, não conhecemos sociedade livre do uso de drogas. A relação dos seres humanos com a droga é histórica, determinada socialmente e culturalmente, e que envolve questões inclusive ligadas ao capital. O uso de drogas pode ser reflexo também das limitações das políticas sociais e do Estado em garantir direitos da população como o pleno acesso à saúde, educação, trabalho, moradia etc. É fundamental termos uma perspectiva de totalidade do ponto de vista social. Quanto mais ampla for a oferta de respostas diante do uso e da dependência das drogas, mais chances se tem de enfrentar esta questão.

Substância psicoativa é o termo científico contemporâneo mais consensual para definir os compostos, extratos, plantas, pílulas, bebidas, pós, gases, enfim, qualquer excipiente que contenha moléculas às quais são atribuídas a propriedade de alterar o funcionamento neural, o sistema nervoso, a percepção ou a consciência humana. Visto por essa perspectiva, é possível afirmar que esse enorme conjunto de substâncias recebeu diversos nomes e foi consumido de diferentes maneiras, até que, no século passado, algumas delas foram alçadas a um estatuto de questão social de problema de Estado; foram classificadas, proscritas, perseguidas, elogiadas, divinizadas e inventadas. E foram, sobretudo, tematizadas. O termo pelo qual essas substâncias passaram a ser, e até hoje são, globalmente nomeadas – ainda que com pouca precisão, mas extrema eficácia – foi drogas. (FIORE, 2013, p. 1)

Este mesmo autor diz que se é possível tirar alguma conclusão mais geral da abordagem das ciências sociais no debate científico sobre uso de drogas, é que “não há uma substância e nem um indivíduo como elementos

universais e objetivos, mas há contextos sociais e culturais diferentes, de substâncias diferentes e realizados por indivíduos diferentes” (p. 6 e 7). Sem a devida atenção a essas diferenças, não é possível se compreender o fenômeno. A categoria *agenciamento* é uma apropriação que Fiore (2013) faz das inquietações da crítica pós-social para que as substâncias possam ser compreendidas sem esgotar-se nos seus efeitos ou em seus significados socialmente atribuídos. Ele diz que os agenciamentos são tão bioquímicos quanto econômicos e dizem respeito tanto às características materiais das drogas quanto as suas formas de subjetivação.

O Estado existe para representar o interesse público e o bem-estar da coletividade. A ordem jurídica rege o comportamento do cidadão, do próprio Estado e das relações entre este e aquele. A coerção é uma forma de violência e o Estado detém, por via de consequência, o monopólio da violência. Grupos ou facções que não reconhecem a legitimidade de um Estado qualquer não se vêem obrigados a respeitar a lei e o consequente monopólio da violência. O uso de drogas é também reflexo da ausência de políticas sociais, da incapacidade do Estado em garantir direitos da população como a saúde, o trabalho, a moradia etc. A dita “guerra às drogas” culpabiliza os usuários, responsabiliza os indivíduos e tira do foco as questões econômicas e interesses políticos que estão por trás das drogas ditas lícitas, a exemplo do tabaco e do álcool, que, estatisticamente, matam muito mais do que as drogas ilícitas e são responsáveis por inúmeros problemas de saúde pública. Há que se pensar em alternativas a oferecer, por meio de políticas públicas que respeitem o cidadão, assegurem direitos e garantam o acesso a condições de vida dignas, em contraponto ao que tem sido proposto atualmente, como o recolhimento de pessoas. Diante disto, tal situação põe em cheque o que já vem sendo construído no âmbito das políticas públicas, com alguns avanços e conquistas, embora em processo de consolidação.

O modelo proposto pelo governo e apoiado pela mídia ignora as determinações que dizem respeito ao modo como o indivíduo se relaciona com a droga, ao contexto sociocultural desse uso e à própria substância. Como visto anteriormente, o fenômeno do uso de drogas é histórico, complexo, multideterminado e depende de respostas das várias políticas sociais, e não de

um só modelo que se baseia no isolamento e encarceramento do usuário. Não há um modelo único de tratamento e, mais importante ainda, é o sujeito quem deve ter autonomia e desejo de aderir ou não a qualquer tipo de acompanhamento proposto. A resposta tem que atender as necessidades do usuário, levando em consideração o que a pessoa quer fazer em relação ao uso de drogas.

O conceito de *sofrimento social* se caracteriza pela compreensão das situações de aflição e dor como experiências sociais, e não como problemas individuais. Essa abordagem permite a investigação das experiências individuais de sofrimento em diferentes contextos, observando as ambiguidades das práticas institucionais voltadas para abrandar o sofrimento dos sujeitos tidos como excluídos e vulneráveis e que, paradoxalmente, resultam na sua intensificação (KLEINMAN; Das; Lock, 1997).

Através das políticas públicas o Estado compartilha suas funções com as famílias. O exercício vital destas é semelhante às funções das políticas sociais, já que ambas visam dar conta da reprodução e da proteção social dos grupos que estão sob sua tutela. Tanto a família quanto o Estado são instituições imprescindíveis ao bom funcionamento das sociedades capitalistas. Ambos regulam, normatizam, impõem direitos de propriedade, poder e deveres de proteção e assistência. Família e políticas públicas têm funções correlatas e fundamentais ao desenvolvimento e à proteção social dos indivíduos (CARVALHO, 2003). A família está no centro das políticas de proteção social e as políticas sociais se apresentam hoje como responsabilidades partilhadas.

Se o indivíduo possui trabalho e vínculos sociofamiliares, encontra-se potencialmente incluído nas redes de integração social. Se lhe falta o trabalho ou os vínculos, escorrega para zonas de vulnerabilidade. E, se perde trabalho e vínculos, pode tombar em processos de “desafiliação” social. (CARVALHO, 2003, p. 271).

Os vínculos familiares asseguram ao indivíduo a segurança de pertencimento social. O grupo familiar constitui condição objetiva e subjetiva de pertença, que não pode ser descartada quando se projetam processos de

inclusão social. Independente das mudanças na composição e nos arranjos familiares, a família é um forte agente de proteção social de seus membros.

À medida que o Estado restringe sua participação na “solução” de questões de determinados segmentos, a família tem sido chamada a preencher esta lacuna, sem receber dos poderes públicos a devida assistência para tanto. A esfera pública tem a responsabilidade no que se refere às políticas sociais de caráter universal, que efetivamente respondam às demandas socialmente colocadas. No entanto, tem sido visto que a família vem sendo assumida como uma das alternativas para o enfrentamento de determinadas expressões da questão social e de redução do Estado em suas intervenções no campo social, tomada como parceira nas poucas políticas sociais existentes. Coloca-se como um desafio para as diversas áreas conceber a família em suas múltiplas configurações e formas de organização, apreendendo suas particularidades como pertencentes a diferentes camadas sociais.

Imersa neste contexto institucional, busquei por meio das entrevistas com meus interlocutores não apenas descrever o que encontrei no campo, mas compreender e interpretar, não existindo a intenção de que esta seja uma obra acabada, mas que suas conclusões possam se abrir para novas indagações.

A linguagem, instrumento básico das entrevistas e dos grupos terapêuticos realizados, tida como construtora da realidade, considera que os sujeitos atribuem determinados significados aos fatos e aos outros sujeitos e esses significados passam a definir ações.

A linguagem é contextualizada historicamente e, como consequência, passa a não existir uma única descrição ou versão da realidade. De acordo com o contexto em que está inserido e do lugar em que o sujeito se posiciona neste contexto, pode construir diferentes versões da realidade, que são as narrativas. (FERRARINI, 2004).

No próximo capítulo, busco, além das questões “internas” aos sujeitos, analisar as oportunidades que os indivíduos têm para alcançarem os seus objetivos e os processos através dos quais chegam a escolher ou não. O que é

relevante é a liberdade disponível para efetuar escolhas entre várias opções, e não tanto ou apenas o que realmente temos.

## Capítulo II

### ***ENTREVISTAS COM INTERLOCUTORES DA PESQUISA***

Neste capítulo, objetiva-se saber, via entrevista em profundidade e consulta de prontuário, elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema, nesta pesquisa, o das drogas. Foi escolhida a pesquisa qualitativa, com questões semiestruturadas e entrevistas semiabertas, que partem de um roteiro-base (ver metodologia, na introdução). A abordagem, como dito acima, é em profundidade, e as respostas indeterminadas.

Todos os interlocutores da pesquisa já eram acompanhados anteriormente pela pesquisadora, então após as observações dos relatos em grupo e anotações em diário de campo e obtido o consentimento dos mesmos, foi realizada uma entrevista individual com duração média de 40 a 90 minutos, tendo como base um roteiro de questões. Estas entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas de forma literal, posteriormente, com a finalidade de descrever da melhor forma as 'intenções de significar' (posturas, expressões corporais, apresentação nos locais) (TURATO, 2003). Todos os nomes utilizados para se referir aos casos estudados são fictícios, visando preservar a identificação dos entrevistados.

– Gustavo –

*“eu perdi muitas oportunidades por não ter ninguém pra me por limites”*

Conheci Gustavo logo que cheguei ao então CEAD, em julho/agosto de 2012. Minha colega Psicóloga, que o acompanhava há mais tempo, relatou a complexidade do caso e que havia pouco tempo que tinha ficado viúvo, estando num processo difícil de elaboração do luto, pois o mesmo se sentia em parte culpado e responsável por esta perda, por causa do uso de drogas. Logo que fiz o recorte do meu tema de pesquisa, “escolhi” Gustavo para ser um dos entrevistados e acabou que foi o primeiro. Pensei nele porque fiquei muito intrigada com a experiência de cárcere privado pela qual passou na sua infância e como ele mal tocava neste assunto no grupo terapêutico que participava. Quando eu expliquei a ele a proposta da pesquisa, ele logo aceitou participar e fizemos um agendamento.

A única entrevista feita, em setembro de 2013, aconteceu na mesma sala em que o grupo era realizado e foi relativamente longa, cerca de 1h. Todos os trechos citados em recuo são reproduções literais desse momento.

Gustavo tem 48 anos (em 2013) e reside na Ilha do Governador, bairro de classe média e classe média baixa do município do Rio de Janeiro. Mora numa casa própria com um casal de filhos e trabalha como taxista. Ele descreve situações familiares da sua infância e adolescência como marcos significativos em sua trajetória de uso de drogas. Para Gustavo, a “ausência de limites” dados pela família a ele tem origem na relação turbulenta dos pais, separação, e na transferência dos cuidados para seus avós, que, segundo ele, “não tiveram pulso”. Seu pai era da Marinha, alcoolista e tinha um ciúme



doentio da mãe. Quando ele embarcava, durante 06 meses, trancava no apartamento Gustavo, a mãe e o irmão, 01 ano mais velho.

Pra minha mãe não sair, porque morria de ciúme (...)minha avó que levava leite, pão, comida, essas coisas, por uma janelinha que tinha na porta (...) aí por causa disso eu não peguei sol e tive raquitismo nas pernas, fiquei com as pernas arcadas. E sempre que ele tava lá ele batia muito, batia na minha mãe, até que chegou um ponto que ela não aguentou, se separou.

Pais se separaram quando tinha 02 anos, momento em que foi morar com seus avós maternos, junto com sua mãe e seu irmão, assim como uma tia, recém separada. Relatou que o pai tentou o suicídio, por causa da separação, efaleceu, por outro motivo, quando Gustavo tinha 11 anos.

Meu pai era tão apaixonado pela minha mãe que ele se jogou do quarto andar e não morreu, só quebrou a perna. E aí ele entrou pra reserva e só andava de bengala. Continuou bebendo muito.

Embora ele próprio relate que só tem uns “flashes” da época em que seus pais estavam casados, ele considera a violência do pai e o processo de separação como fatos importantes em sua história pessoal. Algo marcante foi o tratamento para corrigir os danos do raquitismo com botas ortopédicas, que marcou sua infância. Depois que seus pais estavam separados, ele e o irmão foram levados pela mãe, de 15 em 15 dias, para ver o pai. Ele relata que seu pai o levava pra botecos junto com seu irmão e pedia para o mesmo chutar a canela de seus amigos. “Eu era pequenininho... era garoto, né, gostava... e aí foi assim né cara... as poucas lembranças que tenho do meu pai”.

Com a separação, a mãe de Gustavo teve que trabalhar fora pra sustentar a casa. Ele foi, por isso, criado por seus avós. Para Gustavo, a criação dos avós e a recorrência do alcoolismo na família foram fatores

predominantes para a definição de sua personalidade, incluindo a relação com as drogas, que iniciou aos 14/15 anos com o álcool e a maconha.

Eles não tinham pulso comigo. Sempre fui muito levado, fugia, matava aula do colégio, aquelas coisas de criança (...) era muito solto... cansava de buscar meu avô nos bares, nos botecos (...) eu cresci naquele meio de alcoolistas... eu tinha vergonha. Do meu pai eu era muito pequeno... convivi muito mais com meu avô, de chegar em casa, quebrar as coisas... vinha carregando meu avô.

Gustavo queria se tornar independente rápido. Tinha o desejo de trabalhar e com 14 anos surgiu uma oportunidade no Banco do Brasil como “menor estagiário”, local em que ficou quase 02 anos e meio. Sobre as oportunidades de crescimento que teve neste local, 03 concursos internos, diz:

Se eu tivesse alguém pra me cobrar, eu passava. Só que eu trabalhava, estudava à noite, não tinha ninguém pra me cobrar nada... Então eu não estudava. O que eu ganhava eu farreava, gastava na farra. Então eu deslumbrei com a liberdade... Vivia viajando e não estudava.

A narrativa de Gustavo tem uma inflexão neste momento. Enquanto descrevia a infância, ele falava de uma perspectiva de vulnerabilidade pessoal, violência, alcoolismo, ausência da mãe e do pai, vergonha. A partir do momento em que se torna adolescente, começa a trabalhar e a estudar, a narrativa se desloca para a perspectiva da liberdade e da experimentação. Trabalhava de dia e estudava à noite, relatando que fumava maconha no trajeto entre trabalho e escola. Gostava de matemática e por isso fez técnico em eletrônica e depois mudou para contabilidade. Com 15 para 16 anos começou a usar cocaína:

Eu tinha muita liberdade, conforme te falei, então o que eu trabalhava, o que eu ganhava, era pra mim (...) com 15 anos eu já saía à noite, ia pra farrá (...) minha mãe tentava controlar, mas trabalhava em dois empregos, minha avó não tinha pulso mesmo com a gente.

Quando perguntado se fazia alguma associação entre este uso e alguma experiência vivida, indaga:

Algum trauma, alguma coisa? Não. A única associação que eu vejo... não é culpar minha mãe, nem ninguém não... mas acho que é a questão da liberdade, de eu não ter limites, sabe? De não ter ninguém pra me orientar. Eu me arrependo muito. Eu perdi muitas oportunidades por não ter ninguém pra me por limites.

Embora ele me falasse desses aspectos da “falta de limites” durante a adolescência, minha leitura durante o acompanhamento terapêutico era o de que os traumas da infância tinham um papel importante em sua trajetória e, por isso, insisti na entrevista na leitura das experiências da infância. Minha colega de trabalho, uma Psicóloga, era minha grande interlocutora na época em que fiz a entrevista com Gustavo e compartilhávamos a perspectiva de um trabalho que levasse em conta a dor de sua infância. No diálogo abaixo, ele respondeu à minha indagação sobre o peso que ele atribuía à experiência familiar de sua primeira infância, particularmente com o alcoolismo do pai e do avô.

Essas questões que eu presenciei... ficou gravado na minha mente... agora, eu não consigo associar... mas essas questões de alcoolismo do meu pai, do meu avô... do meu pai eu era muito pequeno, mas do meu avô eu presenciei muito e conforme eu fui crescendo eu fui tendo que segurar ele pra não quebrar as coisas em casa (...) isso me incomoda muito. Tenho muitas lembranças que não é legal, entendeu? Realmente ficaram

gravadas, as questões do meu avô querer agredir a minha avó, querer quebrar as coisas dentro de casa quando ele chegava alcoolizado.

Trechos a seguir mostram que Gustavo tem uma perspectiva e interpretação diferente da minha enquanto profissional. Diz que não faz uma associação direta, “pelo menos não conscientemente”, entre as experiências que teve em sua infância e adolescência e o uso de drogas. No trecho abaixo, Gustavo relativiza o peso do sofrimento da infância ao se comparar com o irmão.

Podem até ter sido (...) não é comprovado que é hereditário, mas tem fundamento, tanto é que eu e meu irmão usamos drogas juntos. Ele parou de usar... ficou mais com o problema do álcool e eu já não tenho problema com o álcool (...) eu que apresentei as drogas pra ele e ele parou (...). Parou, casou, foi seguir a vida dele, e eu não...

Conheceu a mãe de seus filhos com 21 anos e, com 03 meses de relacionamento, levou a mesma para morar na casa de seus avós. “A mãe dela empurrou ela pra mim”. Se separaram durante 03 meses, segundo Gustavo, por questões de traição da parte dele, mas depois permaneceram juntos até o falecimento dela, há 02 anos e 07 meses.

A perspectiva de Gustavo destaca sua experiência na adolescência, em busca de mulheres, festas, com a necessidade de pertencer a um grupo e se identificar com o mesmo. Ele diz que no início não percebia a droga como um suporte para enfrentar o sofrimento.

Mas agora sim, depois de muito tempo (...) acho que no início foi mais de curtição, de fazer parte (...) eu via aqueles caras mais velhos conquistando as meninas... eu comecei a me envolver com o uso de drogas pra fazer parte daquela garotada mais velha... e aí eu fui me envolvendo.

Considera que não tinha outras possibilidades para enfrentar as questões que se colocavam naquele momento ou que não conseguia as perceber.

Eu não via nenhuma (...) pra anestesiá meu sofrimento, depois de muito tempo, deu me aborrecer muito e pensar, quer saber, vou usar mesmo (...) no início não era assim, pra fugir dos problemas... quando eu perdi minha esposa... eu fiquei mal (...) não me fazia bem usar, engraçado, mas eu não queria sentir aquela dor e eu usava, era uma coisa muito louca, querendo fugir de uma e fugir da outra.

Gustavo destaca as consequências do abuso de drogas. Questões relacionadas ao trabalho e à família foram recorrentes em seu discurso sobre as consequências do abuso de drogas. Sua fala enfatiza o sofrimento gerado pela frustração no alcance de determinado status de um “homem adulto” esperado por ele.

Quais são as perdas que você avalia que teve com a sua trajetória de uso de drogas?

Pô, minhas perdas... foram muitas. As que eu associo mais, que me incomodam mais, as oportunidades, que mesmo eu usando drogas eu tive e eu não consegui, não pude abraçar, não pude aproveitar as oportunidades por causa do meu uso de drogas (...) as oportunidades que eu perdi profissionalmente por causa do uso de drogas. Eu dei sorte, eu dei muita sorte, de ter tido uma mulher... essa questão de família, eu construí uma família... tive uma mulher que viveu comigo durante a minha drogadição, que não usava droga (...) acho que isso me ajudou muito também... ela não usava, ela aceitava... se não fosse ela... foi o que me segurou, o que me freou, digamos assim.

Estagnei por causa do uso de drogas, porque comecei a aumentar muito, a usar muita cocaína (...) ficava trabalhando usando droga... usando droga lá

dentro, produzindo. Eles queriam pagar cursos pra mim e eu não quis, não tinha cabeça pra isso, porque eu usava droga. Quer dizer, então foi mais uma outra oportunidade que eu perdi. E aí quando eles viram que eu não tava mais crescendo, eles contrataram outro rapaz.

Apesar das dificuldades em ascender profissionalmente, Gustavo trabalha de forma ininterrupta desde os 14 anos, sendo 10 anos na área de informática e em áreas de grandes responsabilidades, tendo uma trajetória significativa na área profissional, passando por diversos locais de referência. Hoje exerce atividade laborativa como taxista:

Foi aí que eu fui pro táxi, porque embora meu currículo era bom na área da informática, não era valorizado (...) e aí pintou a oportunidade do táxi e daí eu fui ficando, ficando, me desatualizando, tanto que hoje sou completamente leigo.

Quais são os ganhos que você avalia que teve com a sua trajetória de uso de drogas?

Falsos ganhos... eu acho que assim... muito falso prazer, coisas muito momentâneas, sabe? Que ganho que eu vou ter com o uso de drogas, né? Experiência de vida? Que eu poderia ter sem o uso de drogas? Não vejo nenhum não... único talvez, único que eu posso falar pra você que talvez eu tenha é a experiência de vida que eu posso passar pros meus filhos, o quanto é perigoso, o quanto é doloroso, o quanto eles podem ter perdas se eles entrarem nesse mundo, que é muito difícil de sair. É um mundo que fica marcado na vida e você sabe né, que você tem que ter outros limites. O que me incomoda hoje na questão do uso de drogas é eu não poder me divertir muito (...) e o que me encanta é a noite, eu gosto de sair na noite, mas eu sei que se eu sair eu estou propenso a ir ao uso e eu não quero mais ir ao uso, entendeu? É muito difícil eu ir me divertir e não associar, ir a uma boate, a um show, e não associar ao uso de drogas... isso que me

incomoda (...) fui num show com a minha filha e bebi uma cerveja, pô, mas álcool é droga e hoje nem beber eu posso, como é que se diz, cerveja faz mal pro meu nariz, entendeu? É isso que me incomoda, né?

A respeito do envolvimento com a criminalidade por conta desse uso, disse que não houve durante a adolescência, mas relata episódios enquanto adulto:

Graças a Deus não. Acho que isso já é uma questão de índole, sabe? Algumas vezes eu cometi pequenos delitos por causa do uso de drogas e cara, isso me fez um mal, um mal, deu me sentir mal e na hora voltei atrás e... uma vez eu tava na praça, eu usava muita droga e fazia muito avião, pegar droga e tal, pedi pra nego comprar e tal... tem empresários que usam drogas e eu ganhava dinheiro com isso. Não tinham coragem de ir lá buscar e eu ia, buscava, fazia o avião. E teve uma vez que eu fiz um negócio com um cara da Cruzada, ali no Leblon, aquela comunidade que tem lá. Eu adiantei o cara e ele não tinha como me pagar e me deu uma arma e eu nunca gostei de arma de fogo... ficou no meu carro guardado e eu ficava andando com aquilo... eu não tinha coragem de fazer nada e o cara não me pagava, daí eu pensei, vou vender essa porcaria. Só que ao invés de vender, conheci um cara que tinha saído de cadeia há pouco tempo e ele me convenceu, vamos fazer um furto, não sei o que, e aí eu fiz o bonde. Parei numa rua, ele saiu, e quando eu vi ele abordando uma pessoa ali perto da rodoviária, assaltando aquela pessoa, eu falei, caraca, cara, eu fiquei mal com aquilo (...) enquanto adolescente eu via aqueles playboys trocarem relógio na boca de fumo, essas coisas, tênis, e eu nunca vou fazer isso, quando eu fizer isso... foi o que me alertou pra minha dependência, que chegou um dia que eu cheguei a esse ponto, né, deu empenhar um relógio, e aí eu fiquei, caraca, eu disse que nunca ia fazer isso na minha vida. Foi aí que eu comecei a perceber que eu tava fora de controle. Mas assim, eu nunca me associei, eu nunca me envolvi com o crime, essas coisas.

Por qual motivo você buscou acompanhamento para o uso abusivo de drogas?

Pela perda de controle, por isso que eu te falei, eu percebi que minha vida não andava mais, não ia pra frente, como se diz, um caminhão ladeira abaixo sem freio, não tinha mais controle de nada, não tinha mais perspectiva pela vida, não tinha mais perspectiva de vida, né, projeto nenhum, sabe, perdendo as coisas... e a droga não me trazia mais prazer, eu não tinha mais prazer... eu usava por necessidade, orgânica, sei lá. Era uma dependência, só isso.

Gustavo encontra-se em acompanhamento no OGIDERJ desde 1998, alterando períodos de uso contínuo com alguns de abstinência. No momento está em torno de 03 meses sem qualquer tipo de uso. Teve a primeira internação em 2000, seguida por mais 07.

Quando perguntado sobre como enfrenta as questões que hoje considera difíceis, diz:

Com assertividade... hoje eu consigo parar, pensar, e entregar na mão de Deus. O que eu posso fazer eu faço e o que eu não puder eu entrego na mão de Deus, entendeu? Eu consigo ter discernimento, sanidade, pra não agir em cima da emoção, sabe? A droga não está associada a nenhum problema, nem alegria, nem tristeza, nem a nada, sabe? Não precisa tá associada. Isso aí é pura mentira, entendeu? É só ter um pouco de reflexo pra não deixar isso agir, entendeu? Tô aí.

Em registros no diário de campo a respeito de Gustavo, há relatos do período que antecedeu sua ida para o CARE ad, quando o mesmo dizia não saber quem era sem a droga, que programas fazer. No dia em que tomou a decisão de ir para o acolhimento, disse ter acordado como se tivesse sido “condenado”. A partir deste momento, Gustavo fez novas escolhas. Até a



datada entrevista permanece abstinente de qualquer tipo de substância psicoativa e tem se mantido de forma assídua no grupo terapêutico, todas as semanas apresentando novas metas e rotina ativa e dinâmica.

– Diogo –

*“viver sem dor é impossível...”*

*o problema é o quanto de dor cada um pode aguentar”*

Conheci Diogo, com 52 anos em 2013, no grupo terapêutico. Ele havia recentemente participado do grupo de acolhimento aos usuários, que ocorre diariamente, e foi atendido por minha colega Psicóloga, que o encaminhou para o nosso grupo compartilhado. Chegou muito abalado física e emocionalmente, sem perspectivas a respeito do futuro, com relato repetitivo de desejo de tirar a própria vida e de profundos e complexos conflitos familiares. Ele se destacava dos demais participantes do grupo por estar quase sempre de cabeça e olhar baixos, com poucos sorrisos. Casado, morador de bairro de classe baixa e média do Rio de Janeiro, trabalha há 26 anos ligado ao Sindicato dos Professores Municipais.

A entrevista foi longa e intensa, marcada por momentos de choro de Diogo. Quando perguntado sobre quantos anos tinha quando iniciou o uso de drogas, ele disse que havia duas questões a serem consideradas.

Um pilequinho que tomei quando tinha 07 anos, coisa de criança mesmo. Era época de natal, tinha vinho em casa, eles gostavam de vinho doce e, aquela coisa, criança gosta de doce. Me lembro de ter bebido no gargalo e fiquei de pilequinho. Mas eu não conto com isso não, conto a partir dos 13, 14 anos, quando comecei a usar com frequência, o álcool.

Disse que durante 01 ano e meio/02 anos, entre 16 e 18 anos, fumou de forma esporádica a maconha, aos finais de semana.

Não, não era (minha praia)... Eu me sentia meio abobalhado, ficava catatônico com a maconha. E eu não gostava de me sentir daquele jeito. Eu gostava assim, quando a gente ia pra praia, subia na pedra e ficava ouvindo música. Pra isso eu achava legal. Pra qualquer outra coisa, tipo sexo... pra mim era completamente contra indicado. Eu ficava muito abobalhado.

Morava com os pais e três irmãs mais novas quando iniciou o uso de álcool. A irmã que veio em seguida dele faleceu há aproximadamente 02 anos.

A dinâmica familiar era muito conturbada por causa do alcoolismo do meu pai. A gente vivia sobressaltos, a polícia batendo em casa, vindo chamar. Meu pai agredia minha mãe, minha mãe depois de uma certa época começou a reagir, jogava as coisas em cima dele, prato, o que tivesse na mão ela jogava em cima dele... e a gente vivia assustado, né? A gente vivia, eu particularmente, sofri muito nessa época porque eu era o único homem, né? Além de tudo era o mais velho e eu absorvia mais essas coisas, né? Eu sempre fui, até hoje sou muito apegado à minha mãe e eu sofria muito com isso. Quando ele batia nela eu ficava louco, eu ficava a ponto de matar ele. Uma vez eu ameacei matar ele, peguei um pedaço de pau e falei ó, se você encostar na minha mãe de novo vou te quebrar isso aqui na cabeça. Eu não gostava disso, não gostava do jeito que ele tratava minha mãe. Era uma pessoa que vinha de um lugar miserável e que apesar de ter evoluído aqui no Rio, tinha aquela coisa machista, que mulher tinha que ser do lar. Quando ele chegava em casa ele queria os quatro filhos assim, em escadinha. A diferença entre nós era no máximo de 01 ano e pouco. Ele chegava em casa e era como se mulher não trabalhasse, e é um trabalho pesadíssimo. Aí brigava porque a comida tava ruim, porque o chão do quarto tava sujo... ele muito acostumado com aquelas coisas certinha de quartel, então por qualquer coisinha ele brigava

(...) ele era fuzileiro. E foi sempre assim, sempre a sobressaltos... Sumia de casa, a gente ia procurar ele nos necrotérios, nos hospitais, delegacias, né? (...) desde que eu me entendo por gente (ficava a sobressaltos)... (sobre quando o pai faleceu) eu tinha 41... e ele se matou. Quando eu tinha 20 e poucos anos eu e minha mãe vimos um cara invadir lá em casa, meu pai correndo e o cara com uma faca na mão (...) foi horrível... assim, eu sempre, eu cresci com a certeza que ele teria uma morte trágica, né? E violenta. Isso é uma coisa que me marcou muito a minha vida inteira. E embora tivesse uma certeza quase fatalista disso, eu sempre temia que isso acontecesse. Isso ao invés de me tranquilizar, vai acontecer, me deixava pior ainda. Porque a família dele tem suicida, teve dois irmãos assassinados, teve um que foi enterrado como indigente, esse morou muito tempo com a gente. Eles vieram de um lugar (Paraíba) muito, muito miserável, todos eles (...) eu ria... a gente ria das próprias desgraças, né?.

Falou bastante da sua história familiar, assim como da de sua esposa, das dificuldades pelas quais seus parentes passaram ao longo da vida.

O álcool é, sob o aspecto da disseminação e da incorporação cultural, a mais importante substância psicoativa da história humana (Fiore, 2013). Diogo, quando perguntado se faz alguma associação entre o início de uso de álcool e alguma experiência vivida na sua infância e adolescência, diz:

Não, acho que não. A princípio acho que não. É como eu disse algumas vezes (nos grupos terapêuticos), havia muita permissividade em relação ao álcool na minha casa. Minha mãe sabia que com 14, 15 anos, eu ia pra bar. No máximo ela dava uma broncazinha de leve, mas ela não via o perigo que era isso, entendeu? Apesar dela ser filha de alcoólatra, ser casada com alcoólatra, ela não dava muita bola pra isso. Quando eu tava aí pelos meus 18 anos, eu já era um bebedor contumaz. Só que era uma coisa... não me prejudicava em nada... eu sempre trabalhei, sempre estudei, fui o único lá em casa que chegou numa universidade. As outras, minhas irmãs pararam pelo caminho (...) se você pergunta a respeito de um fato específico, eu acho que não, mas em relação a toda uma situação,

eu acho que sim, me empurraram pra bebida mesmo. Ah, o ambiente familiar era muito ruim... eu vivia preocupado, estressado, eu tinha muito medo que meu pai matasse minha mãe... ou o inverso... eu passei uma grande parte da minha vida com esse medo, grande parte... eu tinha pavor das violências que ele fazia com ela.

Sobre essas experiências vividas serem para ele violência ou não, coloca:

Claro, claro, violentíssimas. Quando ele me batia, ele batia com a força de um homem e eu quando adolescente às vezes reagia quando ele batia na minha mãe, aí eu levava surras homéricas dele... minhas irmãs menos... mas elas são traumatizadas também... era aquela choradeira, gritaria, um inferno. Inferno, um inferno. É... isso deixou todos nós, eu, minhas irmãs, nós fomos todos pessoas muito tensas. Geralmente nós falamos muito alto, brigamos muito uns com os outros. Eu acho que foi por causa desse ambiente que fomos criados, era briga todo dia. Eu me sentia muito melhor quando eu tava na rua. Eu passava muito tempo na rua. Depois quando eu comecei a namorar, dava sempre uma desculpa pra ficar na casa de namorada, ficava dias, semanas sem aparecer. Eu tive problemas neurológicos quando tinha 20 e poucos anos, não sei se em função da bebida ou do estado de coisas lá em casa. Cheguei a tomar um remédio, um calmante muito forte (...) eu tinha umas descargas elétricas e não conseguia dormir (...) aí eu fiquei com úlcera nessa época porque eu levava uma vida muito atribulada.

Falou do longo trajeto que enfrentava para poder estudar, cerca de 4h por dia. Conseguiu sustentar durante 02 anos e meio, quando abandonou a faculdade de Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Durante este período trabalhou e estudou.

Foram quase 03 anos de um estresse total, né? Trabalhando muito pra estudar... Tem gente que aguenta, eu não aguentei... Comecei a sentir dores horríveis no estômago e eu quase não bebia durante a semana, era mais fim de semana (...) era tensão, eu levava uma vida muito tensa, muito corrida.

Aos 21 anos, médicos avaliaram que Diogo tinha duas úlceras, causadas por questões emocionais. Disse que às vezes chegava em casa e estava um camburão lá parado:

Meu coração quase saía pela boca e pensava, pronto, alguém matou alguém, meu pai matou minha mãe, minha mãe matou meu pai... é, essas são as piores lembranças que eu tenho... e isso aí durou muito ainda, sabe? Minha mãe numa certa época entrou na Marinha contra ele e conseguiu pegar quase todo dinheiro dele. Aí ele ficou um tempo sem beber. Aí, depois de velho, meu pai tava com 60 e poucos anos, veio o problema do meu sobrinho (usuário de drogas), quando ele tava mais sossegado. Esse era outro que vivia pregando sustos na gente e aí juntou com o do meu pai também. Ele voltou a beber depois de passar um tempo no AA e a recaída foi terrível, terrível. Eu tinha que buscar ele na rua. Os amigos vinham avisar, ó, seu pai tá caído lá não sei aonde, já tiraram os documentos dele, já roubaram ele....

Disse que uma vez o pai sustentou a versão que havia sido atropelado, mas na verdade tinha apanhado muito, necessitando colocar fios de aço para sustentar a mandíbula. Diogo diz que chorou muito ao ver esta situação do pai, quando tinha cerca de 19 anos. Morou com os pais até os 30 anos, quando casou-se com a atual esposa.

Sobre a possibilidade do álcool ter servido como forma de não sentir dor ou de amenizar o sofrimento:

Com toda certeza. Um das poucas coisas que eu tenho certeza na vida é essa. Eu já tinha consciência disso antes de vir pra cá, que era uma fuga, né? Mas aí tem a ressaca, você entra naquele ciclo vicioso, sai do estado de embriaguez e se embebeda de novo. Então, o ideal nosso, é estar sempre bêbado, pra não sentir nada, só que aí você não aguenta, ninguém aguenta. Mas aí eu já vinha percebendo, minha mulher já tinha me alertado que eu tava usando a bebida pra fugir dos problemas. Ela chegou a me aconselhar a fazer tratamento, antes deu entrar na pior fase, bem antes, quando ela notou que eu já tava bebendo todo dia, mas assim, sem criar problema. Eu tenho uma diferença da maioria do pessoal aí do grupo, assim, eu nunca me afastei da família. Eu sou um cara muito família, entendeu? Eu gosto muito de estar na minha casa, ler meus livros, ver meu filme na tv. A minha fase de sair, assim, passou, não tem mais, não tenho mais disposição pra isso. Então mesmo durante a minha pior fase no alcoolismo (últimos 04, 05 anos), eu nunca me afastei... onde eu me enterrei mesmo, com toda força (durante a pior fase).

Diz que nunca se afastou da mãe, irmãs, nem dos filhos e da esposa: “É claro que eu tinha as brigas com a minha mulher (...) todos já tinham percebido que eu tinha passado do ponto”.

Relata que quando ia pra Campo Grande, bairro onde mora a família, “tinha que beber porque era uma situação de tensão... minha família é muito complicada”. Verbaliza ver como “maior risco de voltar a beber”,

Não o gosto pela bebida, embora eu goste de beber, aprecio o gosto da bebida, é esse desequilíbrio familiar, entendeu? É dessa coisa que eu tenho mais medo... É incrível, como que com as pessoas que a gente mais ama são as que a gente tem as piores brigas, né?

Compartilhou que teve uma grande briga com sua irmã antes dela falecer, dizendo que considera que foi a partir dali que “a coisa piorou”.

Você considera que tinha outras possibilidades/oportunidades além da droga para enfrentar as questões que se colocavam?

Se eu tinha outras possibilidades? Cara, eu acho até que tinha, mas não me sentia animado pra... eu queria voltar a estudar, a fazer um monte de coisas, mas sabe a sensação que você tem que... que você não é dono do seu próprio destino? Que as coisas vão te levando, te levando, te levando e quando você vê o tempo já passou? Eu sempre tive essa sensação... sempre não, de uns anos pra cá... (dizem que) são escolhas que a gente faz na vida... eu acho que as escolhas não são assim tão amplas, as coisas são só restritas, entendeu? Eu tomo como o exemplo a história do meu pai (...) se ele não tivesse nascido naquele lugar lá, seria uma grande pessoa na vida (...) mas as opções que ele teve foram aquelas, entrar pra Marinha pra fugir daquela miséria lá, entendeu? (...) Eu tive grandes possibilidades quando passei pra faculdade de Direito. Eu me lembro que ele ficou muito orgulhoso. Ele é das antigas e então filho tem que ser médico, advogado ou engenheiro.

Quais são as perdas que você avalia que teve com a sua trajetória de uso de drogas? E os ganhos?

As minhas ambições intelectuais foram todas pro espaço. Eu hoje me recinto muito de não ter uma graduação, pelo menos. Eu sempre me senti muito capaz de ir bem longe na área dos estudos (...) o álcool prejudicou bastante. Eu me imaginava fazendo uma graduação, uma pós-graduação... eu sempre gostei de estudar.

Não sei se dá pra dizer que é ganho... tive e tenho amizades, conheci muita gente dentro da bebida. Minha mulher diz que ninguém é meu amigo nesse setor; não, tenho muitos amigos, amizades assim, eternas.

O uso de drogas implicou em alguma relação com o crime durante a sua vida?

Olha, passou bem perto, passou perto. Quando eu tinha uns 18, 19 anos, eu cheguei a andar com uns caras que eram meio barra pesada, mas não eram de favela, da comunidade, eram gente da cidade malucas, usavam muita droga, cocaína. Naquela época cocaína era uma droga de rico, poucos pra usar... e eu não sei porque cargas d'água comecei a andar com eles, a gente bebia muito. Uma vez nós roubamos um carro. Nós roubamos não, o cara tomou iniciativa, meteu o pé na porta e nós ficamos andando dentro de um carro roubado. Foi o mais próximo que eu cheguei. Fora isso não...nunca fui de ir à favela comprar maconha, dava dinheiro pros outros irem.

Relatou ter buscado acompanhamento para o uso abusivo de drogas por influência externa.

Eu acho que eu tava morrendo e embora eu não me preocupasse muito com isso, eu fui mais forçado pelos meus familiares. Eu hoje tenho a ideia de que eu tava me matando aos poucos, conscientemente. Eu não desejava morrer assim, agora, amanhã... eu sabia que aquilo tava me levando à morte, mas eu não tava me importando muito. No final das contas o resultado prático é o mesmo, né, morte. Mas eu tava num estado assim, de desengano, com tudo, que eu achava que queria morrer, mas não tinha pressa, eu vou morrer logo mesmo, então que seja bebendo.

Sobre como hoje enfrenta as questões que considera difíceis, que envolvem dor e sofrimento:

Cara, tentando... você estar sóbrio ajuda bastante... tentando... é impossível falar disso sem falar disso aqui (OGIDERJ)... A experiência de pela primeira vez ser atendido por um psicólogo porque da outra vez eu nem conto (não considera uma outra terapia que fez anteriormente), de



compartilhar experiências com outras pessoas, mas não é aquele prazer assim... eu acho esse negócio meio filho da puta, ah, você olha pra trás, eu sempre detestei esse provérbio, dito popular, você olha pra trás e sempre tem gente pior, parece que você tá se regozijando com a desgraça alheia, né? Eu nunca gostei... mas assim, você compartilhar... você vê, eu sempre presto atenção no que tão falando, né? Odeio papo de religião, detesto isso, mas assim, presto muita atenção no que os outros tão falando, sei que cada um tem uma experiência que eu sei que é doída, é doída pra caramba... Isso tem me ajudado bastante, controlado meu pensamento. De uma maneira geral, fazendo um balanço, eu continuo sendo um cara com pouca vontade de viver, entendeu? Com pouca vontade... mas a gente vai segurando... isso ainda não melhorou...

Neste momento final da entrevista, Diogo chorou bastante, relatando, não só desta vez, mas durante quase todos os grupos terapêuticos de que participou, ser depressivo e estar em busca do sentido de sua vida. Pude pontuar pra ele que, mesmo inicialmente motivado, impulsionado e até empurrado por sua família a se “tratar”, o fato dele ter permanecido no acompanhamento ambulatorial sinalizava o desejo de continuidade da vida, de esperança, de possibilidade de mudança e (re)descoberta. Destaquei que ele era naquele momento uma das pessoas mais comprometidas, implicadas, engajadas que eu já havia atendido até então. Diogo disse:

Instinto de sobrevivência... mesmo que a gente não queira, lá no fundo, o corpo quer, não sei (...) eu vejo que as pessoas, não só daqui, conseguem fazer planos, projetos... tem entusiasmo... não sei como...

Conversamos sobre as diversas vertentes, possibilidades de enfrentamento às questões que a vida coloca, como a busca pela espiritualidade, a questão familiar, esporte, lazer, cultura, enfim, a significação da vida.

Diogo decidiu, posteriormente, se desvincular do grupo terapêutico que até então estava participando assiduamente. Teve receio das mudanças políticas o fazerem sair de lá abruptamente e por isso preferiu se antecipar. Fez alguns contatos comigo e com a Psicóloga de referência via e-mail, mas antes disso deixou uma carta em 23/09/13, seguindo alguns trechos (já devidamente autorizada sua publicação):

Depois de pensar bastante, resolvi adiantar meu “desmame” e deixar de frequentar o Observatório. Penso, e espero não estar errado, que cheguei ao ponto máximo a que a fundamental ajuda de vocês pode me levar. Apesar da minha maldita natureza depressiva, neste momento sinto-me forte o suficiente para continuar caminhando dentro da sobriedade, e serei eternamente grato a vocês por isso, parte importantíssima que foram na minha recuperação. Ainda não sei o que vou fazer, estou tentando pensar com muita calma, mas prometo que entro em contato porque, certamente, vou precisar de algumas orientações. Vocês me trouxeram pelas mãos até aqui e me parece que, de agora em diante, além de manter-me sóbrio, é claro, o que falta para melhorar minha saúde mental depende exclusivamente de mim: encontrar a melhor maneira de lidar com as minhas dores, que não são poucas, e para as quais não há cura; e descobrir algum sentido para a minha vida, pois, neste aspecto, a essa altura da minha existência, estou mais perdido que cego em tiroteio. (...) Pois bem, voltando ao sentido para minha vida, as conversas com vocês me deram algumas pistas importantes para que eu entenda como essa pessoinha complicada que sou chegou ao ponto que cheguei. E me vem então à cabeça os versos de uma música antiga do Chico Buarque, Roda Viva, de 1967. A Roda Viva de que Chico fala na música era uma metáfora da ditadura de então, mas a genialidade dele também nos faz entendê-la, a tal roda viva, como o turbilhão da vida propriamente dita, ou seja, a roda viva da vida. (...) Pois é, acho que esse é um dos meus grandes problemas: essa sensação que tenho, não é de hoje, de que a roda viva carregou o destino que eu queria não sei para onde e eu não soube construir outro. Acho que é por aí... será que ainda há tempo?... (...) Não sabemos em que vão dar as mudanças que estão ocorrendo, lenta mas progressivamente, na instituição. E lamento que, como sempre, os

principais interessados não sejam ouvidos: os profissionais, os adictos e seus familiares. Mas podem ter certeza de que, estejam onde estiverem – e acho que falo por todos do grupo – estarei torcendo para que vocês possam continuar exercendo a belíssima vocação que têm, em toda sua plenitude. Vejo na imprensa que o Brasil passa por uma verdadeira epidemia de crack. E fico torcendo para que estejam sempre “blindadas” contra esse desfile diário de desgraças que passa e passará diante de vocês. Não deve ser fácil. Lá fora, a máquina de produzir milhões de frustrados e infelizes continua funcionando a todo vapor. E essa gente, infelizmente, e cada vez mais cedo, irá buscar refúgio, conforto e alívio para suas dores na alienação das drogas. Por outro lado, porém, me sinto reconfortado, porque vejo que o que move vocês, para muito além da competência e do profissionalismo, e que as deixará devidamente protegidas, são a solidariedade e o amor ao próximo, fundamentais para esse trabalho e tão abundantes em vocês que salta aos olhos. A escolha por essa verdadeira “missão” já diz tudo sobre o caráter de vocês. (...) Você e Letícia tiveram a honrosa oportunidade de testar suas capacidades, transformando o farrapo humano que chegou aqui num homem que está quase, quase se achando a última bolacha do pacote. Valeu a pena, hein? Essa dá pra colocar no currículo... (...) Não faço esta despedida pessoalmente porque sou um bebê chorão... Poupem-se desse vexame! E pronto! Acho que acabei de desmamar... (hehehe).

Após meses em abstinência do uso de álcool, sua droga de eleição, recaiu, o que aprofundou sua depressão:

É redundante, mas falar em suicídio aqui em casa da minha mãe é como falar em corda na casa de enforcado. Infelizmente, acabar com a própria vida parece fazer parte do meu DNA paterno e todos aqui sabem disso. Fiz gente chorar muito aqui em casa e isso ainda faz com que me sinta terrivelmente mal. Mas passou, saí do processo galopante de auto-destruição em que me meti (novamente) e estou sóbrio. (...) A necessidade de internação (ufa!) não existe mais e tenho conseguido manter-me razoavelmente tranquilo, além de sóbrio. (...) A perspectiva de ir para uma

dessas unidades espalhadas por aí não me agrada nem um pouco. É a tal *leticiavilmadependência* (Leticia sou eu e Vilma é a Psicóloga de referência). Sou um menino rebelde agora (rs), se não for com vocês, não quero mais ninguém. Falando sério, reiniciar todo aquele processo, por si já doloroso, com outras pessoas, não me atrai nem um pouco. Expor meus dramas para novas pessoas, ouvir novos dramas alheios... Provavelmente estou errado, mas é assim que me sinto. (...) Viver sem dor é impossível. Parece uma verdade banal, mas encerra um ensinamento que nunca esquecerei, pois vai muito além destas simples palavras. O problema é o quanto de dor cada um pode aguentar. Sim, bem sei que existe gente que suporta muito, muito mais que eu não tenho conseguido aguentar. (...) Já ouvi dizer que existe uma coisa chamada energia vital, que todos os seres humanos têm. Também pode ser chamada de instinto de sobrevivência. Essa energia vital é que nos impulsiona a sonhar, a ter esperanças, a fazer planos; que nos impulsiona a, apesar de qualquer coisa, querer viver, acho que perdi em algum lugar, não sei quando. A partir de então, olho pra trás e vejo uma pilha de frustrações, cada uma maior do que a outra. Olho pra frente e não consigo ter esperanças. A impressão de que eu poderia ter sido uma pessoa melhor, em todos os sentidos, não fui e não há muito tempo disponível para tentar pelo menos remediar isso. Uma sensação verdadeiramente pavorosa de que não valeu a pena ter vivido. Há momentos em que me sinto um ser humano fracassado e sem nenhum apreço consigo mesmo. Ainda bem que esses sentimentos não são constantes. Vão e vêm. O que me segura é quando as pessoas que amo dizem que também me amam. E até que não são poucas. É mais ou menos como no final do filme "A Felicidade não se compra", de Frank Capra, um filme que é ou pretende ser uma mensagem natalina de otimismo. Uma das personagens diz a um homem que pretendia se matar mais ou menos o seguinte: uma pessoa é tão importante quanto o número de pessoas que ela consegue tocar.

Abaixo, seguem relatos do diário de campo do grupo terapêutico do qual Diogo participava, anteriores à entrevista realizada.

Na minha família todo mundo bebe (...) sempre foram permissivos (...) perdi o controle (...) me sinto deprimido sem a bebida (...) a bebida sempre

fez parte da minha vida (...) nossa vida era uma constante intranquilidade (...) sem o álcool fico deprimido, chato (...) com o álcool fico mais alegre, engraçado (...) antes de ser alcoólatra, eu sou depressivo.

Me sinto mais chato (...) fiquei com um buraco sem a bebida (...) estou mais paciente comigo mesmo... sou muito autocrítico e crítico com os outros (...) era muito desleixado comigo mesmo (...) estou recuperando os gostos... livros, cinema (...) bebia porque não vivia sentido em porcaria nenhuma (...).

Muitas vezes associou o uso abusivo de álcool ao seu estilo de vida e casamento: “rotina desagradável, entediante (...) descanso carregando pedra”. Após sua saída do grupo (setembro/2013), se separou da esposa (dezembro/2013). Recaiu e retornou à instituição pedindo um suporte. Passou por um período difícil e foi para o CARE ad, retornando posteriormente para o grupo terapêutico do qual fazia parte.

– Pedro –

*“minha perda foi uma identidade melhor”*

Tive o primeiro contato com Pedro, que estava com 52 anos em 2013, também no Grupo Terapêutico. Chamava-me a atenção como ele alternava ficar sentado e em pé durante o grupo, mas depois soube a respeito das fortes dores de coluna que sentia e do tratamento que a que estava sendo submetido (ou buscando ser) na rede pública de saúde do Rio de Janeiro. Casado, baixa escolaridade, morador de uma comunidade do Rio de Janeiro, não estava exercendo atividade laborativa naquele momento, poisse encontrava sob um Benefício Social (auxílio doença) por causa do problema na coluna.

Pedro iniciou o uso de drogas aos 14 anos, primeiramente com o álcool e a maconha. Começou a trabalhar cedo, aos 09 anos, devido a necessidades financeiras da família. Diz que iniciou como camelô na “favela, na comunidade” em que morava e sempre via as pessoas fazendo uso de substâncias.

Os adultos não gostavam que as crianças parassem perto deles quando eles tivessem usando drogas, mas aquela curiosidade, de longe eu ficava observando.

Aos 14 anos começou a andar mais com a “garotada” que ia pra bailes, sambas.

Eu já gostava, mas não ia. Com meus 14 já comecei ir. Porque o samba era na comunidade mesmo. E ali eu já comecei a beber, na semana seguinte eu já fui experimentar a maconha. Foi até na época de natal.

Disse que experimentou e gostou da onda da maconha.

Fiquei descontraído, fiquei à vontade. Sou meio tímido, tá entendendo? Aí a maconha me deixou bem à vontade (...) o álcool também me dava esse efeito, me deixava mais espontâneo (...) a maconha me tranquilizava mais, que eu era meio agitado.

Colocou que a maconha o mantinha calmo, abria seu apetite, o ajudava a dormir. “Só viviarindo, brincando... a maconha tinha essa força, pelo menos comigo ela fazia isso (...) eu não sabia nem que eu era hipertenso”. Ao longo do período que tem sido acompanhado nesta instituição, descobriu doenças que foram mascaradas com o uso da maconha: “Foi maquiando muito a minha saúde”.

Ao longo do tempo foi aumentando a dosagem, mas se identificou mais com a maconha e o álcool era mais “festa”, associando ao “samba” e ao “pagode”. Sua família questionava, embora sua mãe nunca tivesse presenciado, assim como sua avó, viúva na época. As demais drogas vieram mais tarde; a cocaína quando estava completando a maioridade, aos 18 anos, quando trabalhava na primeira ótica de sua carreira. Foi dispensado, segundo o mesmo, por ter feito uso de cocaína dentro do laboratório, embora seu patrão não tenha usado este argumento. Diz que sua cultura é “pouca”, tendo estudado até a 4ª série do Ensino Fundamental. Aos 15 anos Pedro começou a trabalhar como faxineiro de uma ótica. Se destacando pelo desejo de aprender a atividade ali desenvolvida, logo foi absorvido na nova prática, aos 15 anos. Trabalhou em diversas óticas até os 50 anos. Contou com bastante entusiasmo e orgulho, durante a entrevista, sua trajetória profissional. “Fui indo e me destacando, só que a maconha me tirou de lá (...) a maconha eu não parava, era todo dia”. Disse que o acesso à cocaína era mais difícil e que a usava para se manter “acordado”.

Quem tinha era porque tinha muito dinheiro ou muito conhecimento com traficante (...) não tinha essa facilidade que é hoje (...) era uma droga de elite, mais pura, hoje é muita mistura, na sociedade aí em qualquer esquina tu encontra.

Nenhuma dessas três, nem a bebida, nem a maconha e nem a cocaína trouxeram problema pra mim. Não me trouxeram ao tratamento. O que me trouxe ao tratamento foi quando eu conheci o crack, em 2009, quando eu estava com 49 anos.

Fez uso do crack até os 50, quase 51 anos, quando iniciou o tratamento, tendo diversas recaídas. Falou ter parado quando foi para a internação, aonde permaneceu durante 55 dias. Foi quando usou o crack puro, por 03 vezes, que decidiu pedir ajuda. “Vi que a coisa tava ficando perigosa”. Nas demais o usava associado à maconha, o zirrê, sua droga de eleição.

Foi quando eu pedi ajuda (...) quando eu vim pra cá, eu tava tão lixo que queriam me internar de qualquer jeito e eu não quis (...) eu achava que iria parar sozinho, mas não consegui e vim pedir ajuda... meu irmão me incentivando (...) me despertou muita tensão porque eu estava perdendo tudo na minha vida, naquele momento da internação, família, já tinha perdido o emprego por causa das drogas.

Quando Pedro iniciou o uso de drogas morava com a mãe, irmão (10 anos mais jovem) e a avó, no mesmo quintal da tia e dos primos. Disse que era um terreno dividido em três casas (mãe, avó e tia) e que vivia na da avó, somente os dois, apesar da alimentação ser na casa de sua mãe. Sobre a dinâmica familiar:

Minha mãe na era muito legal (...) pra mim foi horrível porque minha mãe é analfabeta e minha avó também, só que minha avó tinha alguns bens por causa do meu avô... só que minha tia estudou, ao contrário da minha mãe que só queria bagunça.

Colocou que os bens de sua avó foram administrados por sua tia, em seu próprio benefício, já que sua mãe “não esquentava com nada”, o que o faz ponderar sobre as perdas que isso gerou pra ele:

Minha tinha foi se apoderando de tudo... por ter cultura, achava que podia nos humilhar... eu estudava, em sempre fui bem na escola, só que eu não levava nada pra comer...

E ela jogava isso: ‘aí você nem tem o que comer, vai todo amarrotado pra escola!’ (...) e aquilo ali mexia comigo e eu fui indo... sempre tirando boas notas (...) e sempre me humilhando: ‘você na vai ser ninguém, você não vai ser ninguém’... e eu sempre lutando, correndo atrás... mas, sem conhecer nada, sem força de mãe, tá entendendo? Porque minha mãe não



me apoiou em nada. Minha mãe quando eu tinha 14 dias de nascido me deu pra uma família de sapatões... eu vim saber ao longo do tempo.

Sobre este último ponto, Pedro falava com frequência nos grupos terapêuticos, dizendo não saber quantos dias ficou com esta família. Relata que foi sua avó, a quem se refere como sua verdadeira mãe, que o pegou de volta e passou a cria-lo. “E minha mãe pelo mundo afora... sei que tenho mais 06 ou 07 irmãos além do meu irmão que eu considero meu irmão”.

Diz que sua mãe não conseguiu dar seu irmão porque era amante do pai do mesmo e que este a dava uma “condição pra alimentação do garoto”. Morou com a avó até os 23/24 anos quando “arrumou esposa”, com quem está até a presente data. A avó faleceu nesta época e Pedro permaneceu durante um período morando na casa, mas os conflitos com a tia fizeram com que se mudasse.

Meu pai eu não conheço, nem certidão... nunca soube... sempre que eu falava no assunto ela fugia, ela corria do assunto, sempre. Eu perguntava a minha avó, a minha avó com vergonha de falar eu acredito que, hoje eu penso que era vergonha, porque minha mãe gostava de bagunça, então não sabia quem fez o filho dela (...) eu perguntava quem era meu pai e ela não sabia quem era meu pai... minha mãe que deitou por aí afora que tem que saber... aí, bebia muito ela (sua mãe), era alcoólatra e fumava também cigarro. Outro tipo de droga não (...) eu sofri muito porque essa tia fazia miséria com a nossa vida e minha mãe sempre se rebaixando a ela, sempre trabalhou em casa de família (...) chegava em casa assim... toda transtornada, suja... essa parte de quando eu comecei a me envolver com o crack, eu acho que isso mexeu comigo no tempo dela porque eu comecei a andar assim, largado, sem trabalhar, sem ter compromisso com nada dentro de casa, 03, 04 dias fora de casa... e ela fez muito isso quando eu era criança, 08 pra 10, 12 anos, ela fez muito isso... e eu fiz isso na minha vida também, tá entendendo? Mas foi no tempo do crack. A maconha não me deixou assim, a cocaína eu não era muito de usar, usava pra me manter acordado, quando eu queria baile, pagode ou festa.

Maconha era todo dia e bebida final de semana, sexta, sábado e domingo. Eu sofri muito... a casa que minha avó me deu (verbalmente) minha tia me tomou na justiça.

Hoje esta tia é falecida e sua mãe encontra-se aposentada; mantém pouco contato com a mesma: “não tenho muita ligação”. Em sua trajetória Pedro teve como referência as mulheres, não tendo convivido com a figura masculina. Reflete a respeito durante a entrevista.

Pedro teve um pouco de dificuldade para entender as perguntas que foram feitas, sendo necessário repetir quase todas. A respeito de uma possível associação do uso de drogas a alguma experiência vivida, diz:

A psicologia diz aí que é alguma coisa no passado, uma coisa na vida da gente, mas eu comecei a usar, assim, como se diz, experimentar... eu acredito que foi por causa do experimentar (...) eu acho que hoje eu faço (associação) com a vida que a minha mãe passou pra mim, dela ser desse mundo louco... eu segui esse ritmo dela no crack (...) é, deve ter a ver sim, porque eu já sofria quando era criança, eu vendia bananada, vendia amendoim, era humilhado por essa tia... então não sei se eu queria pagar isso com a droga, de repente eu não conhecia isso lá atrás. Nessa época, eu não sabia que isso tava me fazendo mal, essa convivência com ela, essa humilhação que ela me fazia passar. Posso até ter usado por isso.

Se ele considera esta associação como violência ou não: “Que violência? Foi, foi!”. Disse que sempre levava a culpa pelo o que seus primos faziam, sendo sua responsabilidade ou não. Ficava de castigo e apanhava de sua avó, segundo o mesmo, influenciada por sua tia: “Me dava uma coça, me botava pelado dentro de um quarto escuro (...) ela sempre me culpava das coisas, judiava de mim”. Sua mãe era empregada doméstica e com esta renda sustentava a família.

Sobre a escolha pela droga como forma de não sentir dor ou amenizar o sofrimento: “Amenizar, ameniza”. Relatou conflitos familiares e de que forma a droga entraria com o papel de “amenizadora”:

Eu aprendi agora que as drogas fazia esse efeito, que na época eu não sabia que tava me fazendo esse efeito. No tratamento que eu tô descobrindo que eu me escondia nas drogas, maquiava minha vida nas drogas. Porque, seu eu me aporrinhasse, eu ia pras drogas, tá entendendo? Se eu me alterasse, discutisse ou alguma coisa acontecesse, eu ia procurar as drogas mesmo, a maconha principalmente. E quando a revolta era grande era a bebida. Eu bebia muito. Me drogava de várias maneiras, pra esquecer aquele episódio, tá entendendo? Eu acredito que a droga era pra maquiar aquela situação, esconder o baixo astral por causa daquela situação.

Pedro tem filhos de 31, 23 e 19 anos. O primeiro encontra-se cumprindo pena em regime fechado por um assalto cometido e os outros dois moram com ele e a esposa.

A respeito de outras possibilidades: “Tinha, mas por não ter apoio de ninguém... porque eu podia largar a droga e mesmo sendo pobre ter um bom estudo...”. Falou sobre caminhos que queria ter trilhado profissionalmente.

Eu poderia ter avançado (...) as drogas me atrapalharam aí, porque a minha escolha pela droga teve gasto financeiro, de saúde (...) ‘eu sofri, mas vou mostrar pro mundo que eu posso fazer diferença, vou mostrar sem humilhar ninguém, vou fazer minha parte, vou estudar, vou me formar, vou me profissionalizar, vou arrumar família’... poderia ser tudo por esse caminho, mas não foi... teve a droga no meio, teve esses conflitos no meio... tudo eu optava pra droga. Por ter uma cultura, vivendo em comunidade, vendo que ali só era droga, muita prostituição, baile, pagode.

Disse que não conhecia a cultura fora da comunidade e que hoje tem tido acesso à cultura, também através dos passeios culturais que a instituição (OGIDERJ) realiza. Falou das palavras e cores de roupas que não pode usar em determinados locais, se referindo ao “mundinho da comunidade” e a facções rivais. “Tem lugar que você não pode falar ‘nós’, ou seja, tá acabando com teu português”. Falou da repreensão do tráfico em relação a diversas questões, “por causa da cultura do tráfico”.

O rico é uma maneira, o pessoal que mora em comunidade a cultura é outra. Mas isso hoje tá mudando. Meu irmão é formado em administração, e morando dentro da comunidade. Mas teve meu apoio, tá entendendo? Porque ele não precisou trabalhar cedo e os estudos eu que tava forçando, ajudando ele. Eu que ajudava nos deveres e nos gastos com a escola. E eu não tive ninguém pra fazer isso. Minha mãe analfabeta, minha avó analfabeta, e além de analfabeta minha mãe era bagunceira, era da farra, aí mesmo que ela nem esquentava: ‘poderia ter dado uma educação melhor a meus filhos’ se não optasse pela vida de comunidade, de favela, aquele mundinho ali perdido. Porque ali, tem pessoas boas, mas se ficar envolvido naquele mundo ali, vai se tornar... vai continuar um nada. Tem que chegar ‘não, eu moro em comunidade, mas eu sou um ser humano’. Hoje eu penso assim, mas nessa época eu não pensava, quando eu era novo eu não pensava. Hoje, Leticia, um sinto a maior falta da minha adolescência.

Falou das oportunidades que perdeu, com emoção, mas diz não ter desejo de voltar a estudar. Parou de estudar para começar a trabalhar e ajudar em casa:

Eu sou muito nervoso, muito agitado. Não tenho mais paciência pra isso. Sinto falta daquela época. Isso tudo eu lembro e penso, ‘pô, poderia ter sido isso’.

Eu parei porque não tinha mais condição de comprar livro (...) minha avó me incentivava 'já que você tá trabalhando de dia, estuda à noite', mas eu não aguentava.

Quais são as perdas que você avalia que teve com a sua trajetória de uso de drogas? E os ganhos?

Minha perda foi uma identidade melhor... não sei se eu vou saber te explicar isso... a minha personalidade, o meu caráter... a droga me escondeu muito isso porque eu sempre fui uma pessoa boa, mas nas drogas eu tava, tipo, cagando e andando pro mundo e isso aí a droga me tirou. Me tirou a minha família, tanto a minha mãe e a minha avó, porque eu poderia ter feito diferente, poderia ter ido pelo lado 'não, eu moro em comunidade mas eu não posso viver nesse mundinho, eu posso fazer diferença, eu posso ir por um caminho correto e nesse caminho ainda ensinar a muitos aqui dentro da comunidade'... então eu fui mais pras drogas, só vivia drogado. Na minha folga eu só vivia drogado. Não participava de esporte, só vivia drogado. Vendo futebol, mas drogado. Cinema, parque, essas coisas, eu ia drogado. Então eu não curtia nada. Perdi a adolescência, perdi o pai, o Pedro pai, porque eu não fui um bom pai, fui um pai ausente. Presente com a grana, mas ausente com a pessoa, tá entendendo? Então, a droga fez isso. A minha escolha, né? Porque eu só vivia drogado. Então, hoje, aquela pia que tem lá na pia pra lavar, tinha na época que eu usava droga, mas eu não esquentava com essa louça. Hoje essa louça me incomoda. Minha esposa falar pra mim que não ia fazer o café quando eu usava droga tinha isso, mas aí eu saía sem café e fumava um bagulho ou bebia. Morreu o assunto. Hoje isso me incomoda, porque eu não tô usando. Então a droga, a minha escolha pela droga, me destruiu como pessoa, como ser humano, como pai, como filho. Eu poderia ter sido um filho melhor. Ignorava o que a minha tia tava fazendo comigo. Mas não tive um pai pra me orientar nisso. A minha mãe poderia chegar e fazer diferente 'não, esquece sua tia que sua mãe aqui sou eu. Sua avó tá aqui, nós estamos aqui te apoiando. Deixa ela te humilhar da maneira que for, faz a tua parte que eu faço a minha,

bancando seus estudos pra você ser uma pessoa diferente'. Então, faltou isso tudo. Não tive a pessoa, ali um homem pra... só tive mulher na minha vida mandando.

Eu não tive ganho. Uma coisa, que eu não sei se é ganho, é minha profissão. Eu ganhei essa profissão. Sem cultura, ganhei essa profissão e sou respeitado nessa profissão. Não vivo dela hoje porque eu tô com a empresa na justiça (...) não tive ganho não... usando droga? Não tive ganho não. Só fui perceber isso com meus 50 anos de idade. Porque pra mim era curtidão. Pra mim eu parava a hora que eu queria.

Quando perguntado se esta trajetória de uso implicou em alguma relação com o crime:

Se implicou? Implicou porque o seguinte... morando em comunidade eu via de tudo, percebia... já guardei arma pra bandido... pra fazer uso de droga, pra ter um conceito com aquela comunidade, tipo um respeito dos caras, por causa da droga, porque ia ter facilidade pra usar a droga.

A este respeito, diz que foi durante a sua adolescência e que este envolvimento foi até seus 30 anos. "Eu já até trabalhava, mas guardava uma droga, uma mercadoria de droga, tá entendendo?". Disse que também se envolveu com o jogo e com a prostituição, "porque eu só vivia na bagunça" e que estar acompanhado por uma mulher dificultava uma possível abordagem.

Já que sempre tava com droga no bolso (...) então o meu uso me fez ir pra parte do crime. Nunca matei, nunca roubei ninguém, mas já guardei arma, já guardei droga, tá entendendo?

Procurou acompanhamento para o uso de drogas por causa da "destruição":

Quando eu me dei conta que eu tava destruído (...) quando eu percebi que eu perdi meu emprego... eu era encarregado com a 4ª série do primário (...) eu tive um AVC, identificaram como AVC, mas eu acredito que foi overdose (...) aí eu vi que tinha que parar na marra, mas eu não parei, tanto é que eu continuei recaindo... mas o que me deixou abalado foi a perda do meu trabalho... onde me sinalizou que eu tava precisando de ajuda mesmo (...) e a família, que eu fui vendo que baguncei minha família, minha família que eu falo a que eu construí, mulher e filhos, tá entendendo? E não tá legal ainda porque eu ainda fico muito agitado, me aporrinho a toa... melhorei bastante.

Diz que hoje tenta resolver seus problemas como “cidadão”, não como um “usuário de drogas”, mas como “pessoa”, buscando ajuda.

Se aquilo eu não posso resolver porque eu não sei, vou perguntar a alguém, vou me instruir sobre aquilo, tá entendendo? Eu nunca esquentei com a minha saúde, hoje eu tô me dedicando a minha saúde também... tô tentando mudar como pai, tô tentando como marido... mas eu tô tentando... em outra ocasião eu ia pra droga (...) o meu medo é o crack... eu não tenho medo nem da maconha nem da bebida. Que a cocaína, eu não era viciado em cocaína. Agora o crack eu me viciéi (...) o crack transtornou minha vida, me deixou meio que do lado avesso (...) eu tenho que aprender muito sobre isso aí, os conflitos da vida...

Há registros no diário de campo de falas de Pedro, no início do acompanhamento ambulatorial:

Tô deixando de viver com medo de usar droga (...) fui pro caminho de Deus com medo de usar drogas (...) a droga me deixou isolado do mundo (...) eu sempre vivi drogado (dos 14 aos 49 anos).

Falou a respeito da vivência em comunidade, comparando o que pra ele são “duas vidas”: omissão do Estado e das políticas públicas (...) imposição de uma cultura (do tráfico). No segundo semestre de 2013 teve tuberculose e estava com suspeita de ser soropositivo, o que foi negado após a realização de exames. Após dois anos de acompanhamento e presença assídua na instituição, parou de frequentar os grupos sem contato prévio com a equipe de referência. Tentamos nos comunicar com Paulo, sem sucesso até o momento.

– Jair –

*“eu comecei a ficar com medo da droga...*

*eu olhava pro espelho e era outra pessoa...*

*‘gente, o que eu tô fazendo com a minha vida?’”*

Quando conheci Jair, em 2012, ele não participava com frequência do grupo terapêutico. Tinha um movimento “próprio”, segundo a colega Psicóloga que já o acompanhava. Solteiro, tem duas filhas que não moram com ele. Morador de Campo Grande, em bairro de classe baixa e média do Rio de Janeiro. É concursado da Guarda Municipal, mas no momento encontra-se sob o Benefício Social do Auxílio Doença, por conta do uso abusivo de drogas, para estar em tratamento.

Durante toda a entrevista Jair esteve muito emocionado, com falas muitas vezes de difícil entendimento para mim enquanto pesquisadora/entrevistadora. Diz que iniciou o uso de cocaína com 15 anos, aumentando este uso progressivamente. Hoje se encontra com 40 anos de idade.



Depois da cocaína tentei fazer uma redução de danos... a cocaína começou a já me fazer mal... pensei, vou usar só a maconha... com 27/28 anos... começou a me prejudicar financeiramente... já não sobrava dinheiro pra nada, tipo, querer comprar uma roupa já não tinha.

Devido ao organismo ter absorvido muito tempo a cocaína, não gostei da onda, aí fiquei nos dois. Cheirava e tinha que ter uma maconha pra fumar pra dar aquela quebra na onda da cocaína. Depois aí chegou o crack... eu parei de cheirar por causa do crack... desde 2010 que eu uso crack. Fiquei 25 anos pra me livrar da cocaína... me livreí desse hábito usando o crack. Eu ia na boca e não pegava nem a maconha... eu ia na boca e só crack.

Disse que a maconha continuou usando, depois associando ao crack (zirrê), e que “nunca” teve problema com o álcool.

Por isso que eu digo que as palavras têm poder e as pessoas não entendem (...) a única coisa de ruim que meu organismo não aceitou foi o álcool. Quem usava sabia o que eu tava falando, quem é careta não entendia nada (...) não sei nem se eu posso falar isso aqui... depois de 2001 então foi mais frenético ainda... eu descobri que era soropositivo.

Esta descoberta se deu quando ele foi fazer uma doação de sangue no Hemorio. “Depois dali o uso foi mais constante e mais agressivo...”.

Jair é acompanhado pela Fiocruz desde que soube do resultado, tendo sido encaminhado pelo próprio Hemorio. Falou um pouco sobre como foi esse processo de descoberta da doença. A companheira de Jair na época descobriu antes dele que ela era soropositiva. Ele participade várias pesquisas na Fiocruz e mostra-se bastante satisfeito com o atendimento prestado.

Quando iniciou o uso de drogas Jair morava com os pais, irmã e irmão.

Mas meu pai era muito agressivo, bebia muito. E minha mãe é daquelas pessoas que não sai de casa, entendeu? Uma vez meu irmão me falou uma coisa, esse meu irmão que é polícia: 'pô, meu pai é sinistro, educou a gente e educou a minha mãe'. Se minha mãe fosse sair, tinha que pediu a ele. Tinha lugares que meu pai não deixava. Minha mãe ia e ficava em casa... meu pai chegava em casa e acordava minha mãe pra fazer comida (...) ele (o pai) deu uma coça na minha mãe e na minha irmã, pra você vê, ele fala que gosta de mim e gosta mesmo, ele bateu em todo mundo (disse que o irmão que tinha 02 anos na época também apanhou, no colo da mãe) só não bateu em mim... ele só não fazia nada comigo (...) meu pai foi sempre agressivo, ignorante, tecnicamente ignorante.

Explicou que “tecnicamente ignorante” significa:

Pessoas antigas, com regime antigo: 'não aceito filho viado, não aceito filho bandido... a única coisa que o homem e a mulher não conseguem dominar é um ao outro... droga, cigarro, bebida, o homem tem que dominar'... sempre foi assim. Tirando disso, meu pai sempre foi uma pessoa certa... nunca roubou, nunca nada, nunca sacaneou ninguém pra se dar bem. Eu falava pro meu irmão, 'meu pai é desse jeito pra poder cobrar da gente, entendeu'? E cobra até hoje.

Os pais se separam em 2010, após episódio em que o pai chegou em casa bêbado e quebrou tudo. Havia tido uma briga entre o pai e a irmã. Esta saiu de casa e a briga passou a ser com a mãe. Coloca que o irmão (policia) não aceitou o ocorrido e fez uma tentativa de prender o pai no quartel, com o objetivo de proteger a mãe. “Mas aí eu vivi vendo isso, entendeu?”. Disse que esse irmão ficou com o sentimento “ferido” e começou a beber muito.

Relatou diversas discussões e conflitos familiares envolvendo o pai e ora o irmão, ora a irmã, ora a mãe. Quando a mãe saiu de casa Jair passou a morar sozinho (depois passou a morar com o pai e a madrasta, aonde se encontra até a presente data) e seu pai foi para a casa da outra companheira:

“Meu pai era casado com as duas... no papel meu pai só é casado com a minha mãe... aí teve esse outro irmão meu, que tem 27 anos”. Identificamos que o uso de crack iniciou após esta separação:

Eu ficava em casa sozinho, comecei o crack... játava num ponto do meu pai chegar em casa e me pegar usando crack... eu usava dentro de casa, sozinho, usava dentro de casa...ou meu pai ou meu irmão.

Sobre uma possível associação entre o início do uso de drogas e alguma experiência vivida na infância e/ou adolescência:

A experiência que eu acho que eu tive que me levou ao uso de cocaína foi de andar com pessoas maiores que eu, tipo, do meu bairro (...) eu comecei a cheirar, tipo uma curiosidade (...) eu via os caras usando e falava ‘pô, eu nunca vou gastar meu dinheiro com isso’... a curiosidade do pó entrando no nariz... aí fiquei, fiquei... até que um belo dia, um desses caras, que é quase da minha família (...) violência, meu pai sempre bateu muito, e na época meu pai era muito mulherengo, tipo, me facilitou o uso também (falou que a mãe mandava ele sair pra procurar o pai, com 15 anos) (...) eu vi ele amarrar minha irmã na cama com fio de telefone (...) minha mãe era violenta no padrão de educação (...) a gente respeita a educação que ele deu, minha mãe tem medo dele (...) eu não tenho medo do meu pai, eu respeito ele.

Quando perguntado sobre a escolha pela droga como uma forma de não sentir dor ou amenizar o sofrimento, se faz alguma associação, chorou:

Posso... faço essa separação... eu falo pro meu irmão... se eu pudesse, se eu tivesse coragem... me falta coragem... eu sei que tem pessoas que depende de mim, igual minhas filhas, entendeu? Eu falo assim, se eu pudesse... é que a gente fica com uma moral muito abalada, entendeu? O

crack... se eu pudesse eu nem voltava... pra casa (...) eu sinto que as pessoas não voltam, entendeu? E a gente fica com uma moral muito abalada...

Divagou sobre vários assuntos: irmão, com tom de admiração, perda financeira por conta do uso de drogas, entrada para a Guarda Municipal no ano de 2000.

Se tinha outras possibilidades, além da droga, para enfrentar as questões que se colocavam:

Tive, tive várias, tipo, de não ir à droga, entendeu? Nunca menti... as minhas ex-companheiras, nunca menti pra elas. Me conheceram sabendo que eu uso drogas, entendeu? (...) Meu serviço, eu sempre gostei. Minha paixão é a Guarda.

Em sua fala, diz que se colocou em risco diversas vezes por conta deste uso. Está afastado da Guarda há mais de 01 ano, sob um Benefício Social concedido por causa do uso abusivo de drogas. “Fazer uma luta, uma musculação... tinha outros caminhos, entendeu? Pra extravasar...”.

Chorou ao falar sobre as perdas que avalia que teve. Falou sobre perdas de oportunidades oferecidas pela Guarda. Disse também que a filha mais nova é “muito apegada” a ele e que a mais velha é acompanhada por um psicólogo desde os 07 anos de idade. “É o que eu sinto mais...”. Respondeu com rapidez:

A criação das minhas filhas... a minha filha mais velha eu fui conhecer (“de parar, conversar”) com 14 anos (irá completar 17), a mesma coisa com a outra (12 anos – filhas de relacionamentos diferentes)... de passar em frente à casa da minha filha (mais velha) e nem parar, ir me drogar (...) a

mais nova, eu ia ver a mais nova e voltava do caminho, panhava droga, ia pra linha do trem (...) pô, perdi muita coisa, muita coisa. O que eu sinto mais é essas paradas com as minhas filhas, entendeu? Vejo meu irmão com o filho dele (...) eu falo pra ele, sinto uma inveja boa (...) eu tive essa oportunidade... eu conto essa história pra ele.(...) Perdi muitas coisas... de criar minhas filhas... paro pra pensar, mas fico sem ação... tudo na mão, cara, tudo na mão...

Você percebe se houve algum ganho com a sua trajetória de uso de drogas?

Não, não tive não... meu pai falava coisas que ficam martelando na minha cabeça 'Jair, 01 segundo que passar, já não volta mais'... isso me dá uma angústia...

O uso de drogas implicou em alguma relação com o crime?

Não... eu falo pra todo mundo, oportunidade eu tive... mas tenho pavor de ficar preso (...) eu sou um cara que não consigo, não conseguia me drogar sozinho, entendeu?(...) Eu falo pra esse meu irmão que mora comigo, as minhas faltas graves era panhar dinheiro do meu pai. Acabava meu dinheiro, ele me dava dinheiro e quando ele moscava com o dinheiro dele eu panhava mais, mas ele já sabia que era eu, ficava 02, 03 dias na rua.

Diz que considera que foram suas faltas mais graves, devido à "educação que teve". "Fora isso eu tenho pavor de ficar preso, pavor".

Buscou acompanhamento para o uso abusivo de drogas:

Eu comecei a ficar com medo da droga... da cocaína... devido, tipo, eu ficava muito ruim... os anos foram passando e a frequência... não dava mais pra esconder... eu olhava pro espelho e era outra pessoa... eu ficava

'gente, o que eu tô fazendo com a minha vida?' e ficava apavorado, apavorado.

Começou o acompanhamento no OGIDERJ em 2004, primeiro local que buscou, oscilando períodos de maior e menor frequência desde então. Conheceu a instituição através da família de uma ex-namorada.

Sobre o enfrentamento às questões que envolvem dor e sofrimento, Jair diz que conversa com sua mãe.

Mãe, depois que a senhora entrar numa sala da psicologia, a senhora vai ver o mundo de outra forma. Eu tenho várias formas, eu tenho o meu aprendizado, a psicologia da a melhor forma pra gente. Quando eu tô muito perdido eu respiro (contou episódio na noite anterior que se utilizou desta estratégia, dizendo que se saísse iria se drogar) (...) eu me peguei várias vezes durante o dia me manipulando (...) da última (recaída) vez pra cá, eu analiso tudinho. O que eu fiz ontem, eu analisei (...) o negócio é por aí, a parada é por aí (falou do bem estar em ter enfrentado esta situação).

Falou que a relação com o pai está boa (em diversos grupos relatou conflitos com este), assim como com a mãe, que se encontra doente e morando com a irmã de Jair. Na época da separação disse que pensou em ficar com a mãe, mas devido ao número de pessoas na casa desta, ficou com o pai e a madrasta. Diz que o alcoolismo do pai hoje está mais "tranquilo".

Não é que ele é arrogante, ele é antigo (...) 'droga, travesti, viado, sapatão, desde o começo do mundo' (palavras do pai), mas não é como tá hoje em dia, aquele troço mais explanado.

Sobre os aprendizados com sua história de uso de drogas: “Vai ser um lado da educação das minhas filhas que eu vou poder ajudar, vou poder ajudar bastante as duas”.

Em anotações em diário de campo, Jair disse em alguns momentos sobre sua família: “Eles são muito doidos... melhor eu ficar afastado porque se não seria um pai como o meu”.

Tem buscado “fazer diferente” com suas filhas, fazendo um movimento de aproximação. Após idas e vindas à instituição, recaídas e períodos em abstinência, diz: “Tenho o dom de sacanear quem me ajuda”.

No momento está sem fazer uso de drogas e mantendo vínculo com o grupo terapêutico.

– Edgar –

*“perdi tempo de ser uma pessoa melhor... perdi tempo”*

Tive a oportunidade de conhecer Edgar no grupo de acolhimento aos usuários, em 2013, que realizei juntamente com um colega da Psicologia. Ele foi encaminhado ao OGIDERJ para avaliação através do abrigo público em que estava acolhido naquele momento. Anteriormente já havia sido acompanhado por um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), mas não deu continuidade no tratamento. Logo o inseri no meu grupo terapêutico, interessada em que ele pudesse fazer parte desta pesquisa por causa de seu relato já no primeiro contato que tivemos. Edgar tem 23 anos (2013), é solteiro e encontra-se desempregado.

Permaneceu quase o tempo todo calado durante a entrevista, aparentemente tímido (no momento da realização da entrevista estava há pouco tempo no grupo terapêutico), respondendo apenas ao que lhe era perguntado, sem desenvolver ou aprofundar as questões.

Diz ter iniciado o uso de maconha com 13/14 anos. Depois disso iniciou o uso de loló, aos 16. O crack veio a fazer parte da sua vida um pouco depois, com 17/18 anos, associado à maconha, o chamado “zirrê”. Neste momento encontra-se há duas semanas sem o uso de qualquer substância psicoativa. Disse que nunca experimentou a cocaína e que nunca gostou muito de álcool. Relata que o crack e a “balinha” (ecstasy) foram suas drogas de eleição, apesar desta última ele ter usado cerca de duas ou três vezes apenas, e que a maconha foi a droga que mais usou.

Quando iniciou o uso de drogas morava com a tia paterna, o namorado desta e dois primos em uma comunidade do Rio de Janeiro. Sobre a dinâmica familiar, conta: “No começo foi tranquilo, mas depois comecei a fazer coisa errada, a roubar dentro de casa... comecei a roubar antes de usar droga”.

Disse que roubava por “coisa boba”, para “ter as coisas”, “jogar flipper, lanhouse”. Antes de morar com a tia morava com o avô paterno e com as tias, até seus 12 anos. Com 15/16 anos foi morar com o pai, permanecendo até os 17, e diz nunca ter morado com sua mãe e nem a conhece, assim como a ninguém da família materna. Transpareceu muita tristeza ao falar sobre isso. “Ela só me registrou”. Diz não ter vontade de saber se ela está viva nem de resgatar algum tipo de contato. Fala que sabe ter irmãos por parte de mãe, mas que não os conhece.

Sobre uma possível associação entre o início do uso de drogas e alguma experiência vivida na sua infância e adolescência, responde de imediato: “Morte da minha mãe que me criou”, quando tinha 12 anos. Ela era companheira do seu avô e ele a considerava sua mãe. “Um ano e pouco depois (quando começou a usar drogas), comecei a parar de estudar, a parar de fazer esporte, de fazer curso”. Perguntando se considera essa experiência um possível tipo de violência, não soube responder.

Você consegue perceber a escolha pela droga como uma forma de não sentir dor ou amenizar o sofrimento?



Sim, consigo (perceber)... quando eu tenho lembranças ruins, antigamente eu procurava usar drogas pra esquecer... acabava o efeito já voltava tudo de novo.

Sobre outras possibilidades, além da droga, para enfrentar os problemas: “Não... só a droga”. Fala, com certo pesar, do que estava vivendo e perdeu, como a prática de esportes (Edgar é muito alto e jogava basquete, com desejo de ser profissional), realização de cursos e o estudo. Quando a família soube que estava fazendo uso de drogas,

Ficaram tristes... mas não chegaram a ponto de me mandar embora de casa... chegou uma época em que meu pai mesmo me dava maconha... ele não usava, mas tinha medo de eu ficar pedindo aos outros, de fazer besteira na rua (...) quando ele soube do crack ficou meio bolado.

Quando falamos sobre as possíveis perdas com a trajetória de uso de drogas, diz:

Perdi o relacionamento com a família, a oportunidade de jogar basquete, fazer natação, esportes... perdi tempo de ser uma pessoa melhor... perdi tempo.

“Não dá mais tempo?”: “Dá, mais... se eu não tivesse perdido eu tava bem melhor” (Edgar). “O que você gostaria de estar vivendo hoje de diferente?”: “Gostaria de estar jogando basquete, fazendo curso que eu fazia, de refrigeração, de inglês” (Edgar). Se ainda dá tempo de realizar alguns desses sonhos, fala sobre o basquete, que parou com 14 anos: “Pra brincar dá, pra ser profissional não (...) curso dá”.

Edgar parou de estudar na sexta série e diz ter vontade de retomar. A respeito desta questão, está vendo a possibilidade de retornar para a Rede

Oficial de Ensino com a equipe que o acompanha no Emaús, o abrigo público em que se encontra há dois meses e meio.

Você avalia que teve algum ganho com a sua trajetória de uso de drogas? “Não... nada...”.

Edgar diz que o uso/abuso de drogas implicou na sua relação com a criminalidade. Cometeu o primeiro ato infracional com 15/16 anos, mas não estava sob o efeito de drogas. “Comecei a andar com pessoas erradas... a praticar assaltos... a primeira vez deu certo, a segunda deu certo, a terceira deu errado”.

Cumpriu Medida Socioeducativa no DEGASE, passando pelo antigo CTR (Central de Triagem) e IPS (Instituto Padre Severino, onde ficou 01 mês e pouco). Teve progressão de Medida para Liberdade Assistida, tendo “cumprido tudo”. “A segunda vez foi com 17 anos, aí foi tráfico”. Passou novamente pelo CTR, IPS e depois ESE (Educandário Santo Expedito – unidade de privação de liberdade). “O máximo é 03 anos, fiquei 09 meses”. Durante este período diz que não recebeu visitas.

Eu sabia que não ia receber visita. Meu pai era envolvido com o crime, minha mãe eu não conhecia. Em todo caso ninguém poderia me visitar, só pai e mãe.

Falei da possibilidade de outras pessoas visitarem, após alguns procedimentos legais, mas ele disse: “Eu não queria saber de ninguém”.

Compartilhou o sentimento de “raiva” e de ter saído mais “revoltado” por causa de experiências tidas dentro do espaço institucional. Apesar disto, por algum motivo Edgar consegue colocar um limite para si mesmo ao atingir a maioridade legal, possivelmente pelas implicações de continuar no envolvimento com atos ilícitos e ter que responder por um tempo mais longo se fosse “pego”. “Quando fiz 18 anos, parei. (...) Se eu fosse preso ia pra de maior, ficar mais tempo” (Edgar).

Contou sobre a experiência no ESE: “De bom não teve nada... não quis fazer nada, curso, acompanhamento de psicólogo, assistente social, nada”. Disse que não ia para atendimento, “só jogava bola”. Perguntei neste momento como era feita a elaboração do relatório, documento necessário para que a equipe técnica de referência do jovem possa subsidiar a decisão judicial sobre a manutenção, progressão ou regressão da Medida Socioeducativa, já que Edgar não comparecia para atendimento quando solicitado (e nem levava demandas para a equipe):

Fui só a primeira vez, depois eu falava que não queria (...). Nem com os moleques lá dentro eu conversava... conversava só o necessário mesmo... quando alguém era da comunidade (...). Dormia de dia e ficava acordado de noite (...). Ué, não sei, né, tem pessoa que tem o coração muito ruim, sei lá.

A respeito de violência lá dentro, fato relatado por Edgar, falou que sua facção tentou fazer rebelião e houve represália por parte da direção:

Queria ir embora, queria meter o pé (...). O bagulho é muito louco lá, os funcionários xingam nós que é de menor, bate em nós... isso foi dando raiva e ninguém conseguiu fugir aí apanhou todo mundo (...). Chegou a delegada lá dizendo (pro diretor) que queria falar com os adolescentes e que se nós dissesse que eles tinham batido em nós, se nós tinha batido neles, ia apanhar mais um pouco... ficamos quietos... daí ela perguntou se a gente tinha apanhado, se eles tinham batido em nós e falamos que não.

Disse que durante o período em que esteve no ESE “usava só a maconha” e que após este tempo foi morar com o pai, a mãe adotiva e a madrasta (considerava a avó sua mãe adotiva). Contou que o pai não é mais envolvido com a criminalidade e que, mesmo o primeiro ato infracional tendo ocorrido após ter ido morar com o mesmo, considera que não foi “influenciado”: “Não é

usuário, só bebe”. Morou com o pai até ir para a “pista” (gíria que significa “rua”). “Eu que quis sair”. Sobre ter ficado em situação de rua, diz: “Foi difícil”. Apesar de ter ficado na rua, relata que neste tempo não fez uso constante de drogas e não se envolveu mais com o crime. Trabalhou com vínculo empregatício como guarda de trânsito, por 03 meses. “Meu trabalho foi 02, 03 meses, depois comecei a usar droga de novo”.

Depois foi morar com uma “garota”, na Central do Brasil, por 02 meses e pouco. Não “deucerto” a relação, ficou 03 dias na rua e foi encaminhado para o abrigo Emaús. Mostrou conhecer bem a Rede Socioassistencial devido à sua própria trajetória de conflitos (destacou a escola), passando por diversos espaços.

Conversando sobre sonhos, Edgar disse: “Desejo ter uma família e voltar para a igreja (...) tá faltando força pra eu voltar... lutar contra mim mesmo”. Sobre o modelo de família que deseja ter: “Homem, mulher e um casal”.

Quer voltar a fazer esportes e poder ir a “qualquer lugar” – falou sobre locais de risco, que o impossibilitam de estar, por causa do envolvimento anterior.

Por qual motivo você buscou acompanhamento para o uso de drogas? “Tava usando muito... tava usando o dinheiro do salário todinho só em droga... aí fui procurar ajuda”.

Hoje enfrenta as questões que são difíceis, que envolvem dor e sofrimento:

Procuo conversar com alguém, pra desabafar... queria voltar no passado e não cometer os mesmos erros... de voltar a confiança da minha família, de voltar a não roubar mais, não voltar a prejudicar alguém da minha família.

Diz que hoje, quando pensa em quem é sua família, está se referindo ao seu avô, à sua tia e ao seu pai. Sobre saber a respeito da sua mãe através do pai ou do avô, diz contarem uma história “doida”: “Deixe isso de mão”. Tem 03 irmãos por parte de pai e mantém um tipo de contato com os mesmos, mas diz

que eles não sabem sobre o que ele tem vivido, que só quem sabe são suas tias. Não quer que ninguém saiba que ele está “bem”, afirmando que deseja “chegar num outro momento”, em que possa, possivelmente, apresentar mudanças. “Quero estar trabalhando, não estar usando drogas e ter mais responsabilidade comigo mesmo”. Em anotações no diário de campo, o mesmo disse, no dia de sua chegada à instituição (outubro/2013): “Minha família hoje é Deus”.

Ponderamos que ele tem, sim, sido responsável consigo mesmo, na medida em que é comprometido com o tratamento e tem se mantido no abrigo, cumprindo as regras exigidas. Aparentemente sensibilizado, repetiu uma frase da sua tia para ele: “Ela disse que tá orgulhosa de mim, por ter escolhido esse caminho que eu tô”. Ao final da entrevista, ele disse que agora está se “amando”.

Edgar tem reconstruído seus vínculos afetivos, principalmente com a tia paterna, com quem deseja morar quando sair do abrigo, onde se encontra até a presente data. Com frequência relembra experiências de tortura e humilhação que passou em comunidade do Rio de Janeiro, associando estes fatos também a sua “entrada pra vida errada”. Voltou a fazer uso, desde o natal, da maconha, mas associa a mesma a “fins terapêuticos”. Permanece assíduo e comprometido com seu Projeto de Assistência na instituição, retornou para a Rede Oficial de Ensino.

### **Capítulo III**

#### ***SOFRIMENTO E ORDEM SOCIAL:***

#### ***FAMÍLIAS, MASCULINIDADE E VIOLÊNCIA***

A “família” surgiu como um tema central nas falas dos entrevistados. A bibliografia na área de ciências sociais e humanas interpreta o conceito e o valor atribuído à noção de família levando em conta que ela significa coisas diferentes dependendo do contexto social. Na família acontecem os fatos básicos da vida: nascimento, união entre os sexos, morte. É a esfera da vida social mais naturalizada pelo senso comum, onde parece que tudo ocorre de acordo com a natureza, porque regula atividades de base biológica, como o sexo e a reprodução humana. É terreno privilegiado, como coloca Sarti (1995), para estudar a relação entre a natureza e a cultura, dizendo que o que diferencia o homem, como ser cultural, das outras espécies animais é que, embora tenha em comum com eles esses fatos da vida, o homem escolhe como vai realizá-los, dentro das alternativas dadas pelos limites da sua existência social. Ao escolher uma maneira e não outra, o homem atribui um significado a suas escolhas, pois não há ação humana que não contenha uma

significação para quem age. O que diferencia o homem das outras espécies animais é, portanto, segundo esta autora, sua capacidade de simbolização, implícita em suas escolhas. Para Sarti (1994, p.53), “a família como ordem moral torna-se uma referência simbólica fundamental, uma linguagem através da qual traduzem o mundo social, orientando e atribuindo significado a suas relações dentro e fora de casa”. Segundo a autora, “essa moralidade, projetando-se para além da própria família, configura um sistema de valores que incide sobre seu modo de pensar o mundo social e se colocar frente a ele” (p.53).

A perspectiva adotada nesta pesquisa procura situar as narrativas sobre família dentro de um quadro mais amplo dos modos de vida dos meus interlocutores. As entrevistas ocorreram levando em conta o processo dialógico, que permite a escuta do outro. É importante que o pesquisador, o técnico, ou quem esteja ouvindo esta família, tenha um olhar (auto) reflexivo e analítico, fazendo um esforço de distanciamento nem sempre fácil.

Nas histórias de Gustavo, Diogo e Jair, interlocutores desta pesquisa, a presença de pais alcoólicos e/ou relações turbulentas e violentas entre pai e mãe, foi um fator importante na trajetória pessoal de abuso de drogas. Em outros casos, como nas histórias de Pedro e Edgar, apontam para a ausência da mãe e/ou do pai durante a fase da infância e adolescência. As trajetórias dos participantes do estudo estão em consonância com processos de mudança nas famílias brasileiras das últimas décadas.

O Censo Demográfico de 2010/IBGE, em reportagem do Jornal O Globo de 26/08/12, retratou como as famílias brasileiras estão organizadas, as mudanças que têm sofrido ao longo da história. Nesta nova organização familiar, 57 milhões de lares brasileiros estão distribuídos da seguinte forma: *unipessoal* (Quando a pessoa mora sozinha – 12,2%: 51,2% homens morando sozinhos; 48,8% mulheres morando sozinhas), *nuclear* (É formada, ao menos, por um casal. Pode ter filhos, tanto comuns aos dois ou de apenas de uma das pessoas do casal (enteados), incluindo filhos adotivos. Pai sozinho com filhos ou mãe sozinha com filhos são exemplos de famílias nucleares – 66,2%: 61,9% casal com filhos; 20,7% casal sem filhos; 15,1% mulher com filhos; 2,3%

homem com filhos); *estendida* (Formada, ao menos, por uma pessoa e um outro parente que não filho ou pais – 19%: 43% casal com filhos e outro parente; 26,7% mulher com filhos e outro parente; 10,9% casal sem filhos e outro parente; 3,6% homem com filhos e outro parente; 15,8% outros tipos) e *composta* (Domicílios formados sem laço de parentesco – 2,5%: 30,1% casal com filhos com não parentes; 15,8% mulher com filhos com não parentes; 9,9% casal sem filhos com não parentes; 3,5% homem com filhos com não parentes; 40,6% outros tipos). Esta mesma estatística mostra que 61,3% dos homens são responsáveis pelas famílias, em detrimento de 38,7% das mulheres. Diz também que há responsabilidade compartilhada em 29,6% dos lares. Casais que trabalham e não têm filhos, chamados de “dinks”, são 02 milhões, e pessoas morando com amigos somam 400 mil. Acrescenta que casais gays somam 60.000, sendo 46,2% de homens e 53,8% de mulheres.

A análise das famílias hoje, conforme dados apontados, torna-se ainda mais desafiadora pela enorme rapidez da mudança nas suas relações internas nas últimas décadas. Essas mudanças correspondem a uma ação que vai no sentido de um projeto emancipador que instituiu novos padrões de comportamento, mas que só foi possível por mudanças na realidade exterior à família, que afetaram de maneira crucial esta esfera da vida social, transformando-a de maneira inevitável. A família não é uma totalidade homogênea, mas um universo de relações diferenciadas, e as mudanças atingem de modo diverso cada uma destas relações e cada uma das partes da relação.

Nos relatos dos participantes do estudo, observamos modelos familiares bastante variáveis. Há alguns que tiveram que viver com os avós, como Gustavo e Pedro, após processos de separação dos pais, e outros que viveram com os pais até determinada época e sofreram, como Diogo e Jair. Gustavo e Diogo saíram da casa dos pais para se casarem. Pedro também saiu para se casar, mas da casa da avó. Jair permaneceu na casa do pai e da madrasta após a separação dos pais. No caso de Edgar, o sofrimento passava por ter que transitar entre diversos locais de moradia, sem referência específica, tendo morado com pai, tia, companheira e depois um abrigo público. Famílias estas com religião, padrão econômico e social diversos. Quando falo de família,



portanto, estou a tratar de realidades diversas. Por isso, preferi aqui adotar a tipologia usada por Cláudia Fonseca ao tratar da noção de famílias: trato aqui de dinâmicas e relações familiares.

Procurando uma definição operacional da vida familiar que dê conta desse vasto leque de possibilidades, preferimos falar de dinâmicas e relações familiares, antes do que de um modelo ou unidade familiar. Assim, definimos o laço familiar como uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos. Essa identificação pode ter origem em fatos alheios à vontade da pessoa (laços biológicos, territoriais), em alianças conscientes e desejadas (casamento, compadrio, adoção) ou em atividades realizadas em comum (compartilhar o cuidado de uma criança ou de um ancião, por exemplo). (FONSECA, 2005, p. 54).

Há recorrência nas falas sobre situações familiares traumáticas. Em alguns casos fica claro que existiram situações de violência efetiva no núcleo familiar, como no caso de Gustavo – cujo pai aprisionava a mãe, ele e o irmão em cárcere privado, além de espancar recorrentemente a mãe, durante a infância do mesmo. Infância e adolescência são períodos em que a vulnerabilidade aos agravos de saúde e a fatores econômicos e psicossociais se potencializam, segundo Sarti (2009, p. 904): “Em situação de violência, o núcleo familiar deixa de assegurar referencial educativo e de proteção para a criança e o adolescente, uma vez que os vínculos familiares também são violentos”. A situação de violência exige uma maneira de cuidado que considere seus aspectos relacionais e seu contexto. “Minha família é um risco”, “me sinto um lixo na minha família”, são expressões que ouvi durante o período em que me encontro no OGIDERJ, que é o mesmo em que venho realizando esta pesquisa, cerca de dois anos.

Heim e Andrade demonstram que o uso de álcool e drogas ilícitas entre indivíduos que estão em situação de risco é alto e precoce em relação a adolescentes que não estão em situação de risco, demonstrando que esta questão é uma parte do problema da delinquência. O estudo sugere a existência de uma relação estreita entre uso e abuso de álcool e drogas ilícitas e delinquência, considerando necessário esclarecer se é o uso e/ou abuso de álcool e drogas ilícitas que induzem ao comportamento delinquente ou o contrário. (ZAPPE; Dias, 2012, p. 31).

Na adolescência, entendida como um momento peculiar do desenvolvimento humano, o sujeito encontra-se mais vulnerável. Entende-se que a adolescência é um processo que ocorre a partir de condições socioculturais específicas, em que o conceito, assim como a compreensão desse período da vida do indivíduo, é uma construção social. Num contexto de pobreza e exclusão social, a drogadição não se limita a uma relação sujeito–produto, mas compreende o adolescente no seu contexto relacional sócio familiar mais amplo, favorecendo sua inserção no circuito da delinquência (PEREIRA; Sudbrack, 2008). Lembro aqui de um caso atendido por mim durante um curto período de tempo porque Sandra não conseguiu permanecer fazendo acompanhamento ambulatorial para o uso abusivo de drogas no OGIDERJ. Ela era usuária principalmente de crack, na época com 30 anos, mas havia iniciado o uso com 17 anos. Eram muito interessantes os modos subjetivos que ela dizia encontrar no crack para lidar com situações de opressão, como por exemplo:

Quando eu uso crack, meu pai não matou minha mãe, não dormi sobre o corpo dela no sofá, não me envolvi com o tráfico nem com traficante, não fugi da polícia, minhas irmãs não se colocaram na minha frente pra me proteger de tiro.

O crack aparece como um agenciamento, conforme definiu Mauricio Fiore (2013): “o conjunto de possibilidades farmacológicas, materiais e simbólicas que se efetivam empiricamente nas trajetórias dos sujeitos e em relação aos seus aparatos subjetivos” (p.44).

Dados demonstram que a maioria dos adolescentes que comete ato infracional vivencia uma realidade marcada pela desigualdade social (SARTÓRIO; Rosa, 2010). As circunstâncias de vida desses sujeitos sociais se configuram como a expressão das múltiplas manifestações de exclusão/inclusão. Exclusão principalmente dos espaços de cidadania, onde deveriam prevalecer os direitos sociais, como educação, cultura e lazer, e

inclusão num sistema de privação de direitos, de criminalização, de violência, de privação de liberdade, por vezes sem as garantias educativas e sem o devido acompanhamento para a inserção social.

Desde a promulgação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990), observamos a disseminação de um discurso que culpabiliza as famílias como grandes responsáveis por conflitos na infância, adolescência e juventude, como o cometimento de ato infracional ou o abuso de drogas. Muitas vezes, o debate público se organiza de modo a procurar um culpado pelas situações intoleráveis pelas quais crianças passam no Brasil.

Aí, o sacrifício que se oferece para expiar a nossa má consciência aparece na figura dos pais desnaturados. A noção de “criança rei”, irrealizável em tantos contextos, engendra seu oposto – a noção de criança martirizada – e, com esta, um novo bode expiatório: os pais algozes. (FONSECA e Cardarello, 2009, p. 238).

Resposta fácil à culpabilização dos pais não responde às próprias condições que engendram mudanças dramáticas nas relações familiares, nas últimas décadas.

Podemos ver o modo como a família é responsabilizada em certas repercussões de estudos sobre o abuso de drogas. Como exemplo, a reportagem do Jornal O Globo de 08/05/14 escolheu como título a seguinte afirmação: “Abuso gera abuso: vítimas de violência na infância se viciam mais em drogas e álcool”. Com base em toda reflexão que tenho feito ao longo da minha vida profissional, teórica (especialização em Atendimento a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Doméstica pela PUC Rio – conclusão em 2009) e prática (estágio por conta da especialização no Conselho Tutelar e atuação no Sistema de Garantia de Direitos de crianças e adolescentes do município de Niterói/RJ), considero uma constatação muito taxativa, com pouca problematização. O texto utilizou, a meu ver, termos ultrapassados, conservadores e que soam “preconceituosos”, como tentarei destacar em trechos colocados pelo autor da reportagem.

Ele diz que pessoas que foram vítimas de violência na infância ou na adolescência têm, “pelo menos”, duas vezes mais chances de se tornarem “viciadas” em drogas ou álcool no futuro. Coloca que a “conclusão” faz parte do segundo Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (Lenad) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e que este estudo revela que nada menos que 21,7% da população brasileira relatam ter sofrido algum tipo de abuso quando criança. Entre os “alcoólatras” (termosubstituído por “alcoolistas”), esse percentual sobe para 45,7%. Já no grupo dos que se declaram consumidores de maconha o índice alcançou 47,5%, chegando a 52% entre os usuários contumazes de cocaína. A reportagem diz, ainda, que se acredita que as vítimas infantis de violência sexual, particularmente, têm chances ainda maiores de “derivar em adultos dependentes” e que as pessoas que foram abusadas acabam ainda tendo mais problemas para se livrar do vício: “O abuso sexual é o mais irreversível. Existem estudos que acompanham a pessoa no decorrer da vida e constatam que é muito mais difícil deixar de sofrer um impacto permanente”.

A relação entre violência e uso de drogas também varia de homens para mulheres, ainda de acordo com esta reportagem. Os dados mostram que 56,5% das mulheres que sofrem com alcoolismo relataram ter sofrido alguma violência na juventude. Entre os “alcoólicos” do sexo masculino, o percentual é de 42,1%. Quando a pesquisa se volta para os viciados em cocaína, os percentuais se invertem. Entre os homens, 55% relataram ter sofrido agressões; entre as mulheres, 37%. No caso dos usuários de maconha, 50% dos homens afirmaram na pesquisa que sofreram violência na infância ou na adolescência, contra 29% das mulheres.

As agressões dos pais aparecem como as mais comuns. O levantamento indicou que, entre os relatos de agressões praticadas por pais ou cuidadores, os empurrões, os arranhões ou os beliscões são os mais comuns, com 12,4%. Batidas que deixam marcas aparecem em segundo, com 11,9%. Ameaças com facas ou outras armas aparecem em 1,7% dos depoimentos, e 07% disseram ter sofrido queimaduras de alguma natureza, como por água quente, por exemplo.

O quadro constatado no levantamento, de acordo com o autor, comprova a necessidade de investimentos para que profissionais de escolas, prontos-socorros, Unidades Básicas de Saúde (UBSs) e do Programa de Saúde da Família (PSF) tenham condições de detectar situações de crianças vítimas de violência por parte de familiares.

Profissionais que atuam no atendimento de adolescentes usuários de drogas contam que os dados levantados pela pesquisa não surpreendem. A relação entre violência e drogas pode ser constatada na rotina dos ambulatórios, segundo a mesma reportagem: “São muitos os casos de violência e humilhação. Entre os usuários de drogas adolescentes que atendo, são comuns relatos de que ouviram de seus pais coisas do tipo ‘você é um lixo’, ‘a minha vida era muito melhor antes de você nascer’...” – relata uma psiquiatra entrevistada. Resumindo alguns números trazidos pela pesquisa: 45,7% dos “alcoólatras” dizem ter sofrido algum tipo de violência na infância. Na população em geral, o índice é de 21,7%; 52% dos usuários de cocaína relataram ter sido vítimas de abusos quando crianças; 4067 pessoas é o total entrevistado pelo estudo em 149 municípios de todo o Brasil; 5,3% dos entrevistados disseram ter sofrido abuso sexual na infância; 12,4% do total é o percentual de empurrões, beliscões e arranhões, tipos mais comuns de agressão contra crianças. Depois vêm batidas que deixam marcas: 11,9%.

A culpabilização das famílias ganha força quando a crise do trabalho assalariado, com a flexibilização e a precarização das relações de trabalho, com a desregulamentação dos direitos trabalhistas e do previdenciário, com o desemprego estrutural atinge de forma brutal os segmentos sociais mais pobres, conseqüentemente, as famílias. A relação com o trabalho constitui-se como uma marca de identidade para o adolescente, para adentrar na sociedade adulta, ter uma ascensão social, além da possibilidade de obter autonomia e reconhecimento na sociedade. Esse é um perfil que na atual conjuntura é inatingível para a maioria dos jovens, mesmo os de classe social mais elevada que também são atingidos pela crise do trabalho assalariado. No entanto, estes podem contar com uma rede de apoio social mais sólida, diferente dos adolescentes das periferias, que encontram mais dificuldades de inserção, cujas famílias também sofrem as conseqüências de uma inserção

desigual no mundo do trabalho. O desemprego e as mudanças no mundo do trabalho, o mercado informal, a precarização das relações trabalhistas, a escolaridade em defasagem de muitos adolescentes atuam como dificultadores para a entrada e a permanência dos adolescentes/jovens no mundo do trabalho.

O que antes era vivido a partir de papéis preestabelecidos (amor, casamento, família, sexualidade, trabalho) passa a ser concebido como parte de um projeto em que a individualidade é decisiva e adquire cada vez maior importância social. A afirmação da individualidade sintetiza, segundo Sarti (1995), o sentido das mudanças atuais, o que tem implicações claras nas relações familiares. “Revela-se, assim, o fato de que vivemos num tempo que nunca foi tão repleto de alternativas e, ao mesmo tempo, tão normativo; simultaneamente emancipador e constrangedor”.

O problema da nossa época é, então, o de compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares. As pessoas querem aprender, ao mesmo tempo, a serem sós e a “serem juntas”. Para isso, têm que enfrentar a questão de que, ao se abrir espaço para a individualidade, necessariamente se insinua uma ou outra concepção das relações familiares. (SARTI, 1995).

Os censos do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – trabalham em geral com a unidade doméstica e, portanto, definem vida familiar a partir da moradia. Trata-se, segundo Fonseca (2005), de uma visão limitada, que não leva em consideração justamente a parte mais dinâmica das relações familiares e que em geral extrapola em muito ‘a casa’. Esta autora coloca que, da perspectiva espacial, redes de parentesco se estendem além do grupo consanguíneo e, da unidade doméstica, para esferas mais amplas. Da perspectiva temporal, as pessoas se inserem em uma sucessão de gerações, possibilitando projeções para o futuro ou resgatando elementos do passado. Os fatores convencionais do modelo familiar – biologia e casamento – não são os mais importantes na definição das relações mais relevantes.

Reconhecemos a diversidade da composição das famílias brasileiras não significa desconsiderarmos as diferenças de oportunidade, das desigualdades econômicas e sociais, entre um sujeito social e outro.

As circunstâncias socioeconômicas, que são em grande parte alheias à vontade individual, são parte de qualquer modo de vida. É importante lembrar: as condições objetivas de vida levam as pessoas a olharem para o mundo de um ângulo ou de outro. (FONSECA, 2005, p. 57).

Isso pode ser observável na experiência dos meus interlocutores. Embora todos tenham tido experiências de abuso de drogas, as condições objetivas fizeram diferença no acesso a serviços públicos, principalmente nas histórias de Pedro e Edgar, moradores de comunidades em que há a presença de facções criminosas. Esta existência, no caso do Rio de Janeiro, dificulta a entrada e/ou permanência das políticas públicas e sociais dentro desses territórios.

A demanda apresentada pelas famílias aos serviços públicos, isto é, ao Estado, varia muito conforme suas condições concretas de vida. A experiência de democratização da vida cotidiana familiar reflete-se no plano da cidadania, ao prover os indivíduos de recursos para participar democraticamente na esfera pública, segundo Sarti (1995), a partir da internalização do princípio da autonomia que potencializa sua capacidade de discernir, julgar e escolher.

Sarti (1995) diz que a família, no capitalismo, deixou de ser uma “unidade de produção” na medida em que esse sistema separou a produção, como esfera pública, da família, que se tornou a esfera privada da vida social. Em termos de sua funcionalidade econômica, a família passou, então, a constituir uma “unidade de consumo”. Em outro trabalho, esta mesma autora (1994) coloca que se mantém ainda hoje a força simbólica dos padrões masculinos e femininos, em que o papel central do homem como mediador entre a família e o mundo externo reafirma a tradicional autoridade masculina, fragilizando socialmente a família em que não há um homem “provedor” – de teto, alimento e respeito. A distribuição da autoridade na família fundamenta-

se, assim, nos papéis diferenciados do homem e da mulher. A família ultrapassa os limites da casa, envolvendo a rede de parentesco mais ampla, sobretudo quando se frustram as expectativas de se ter uma casa e realizar os papéis masculinos e femininos. A autoridade masculina é abalada se o homem não garante o teto e o alimento da família, “funções masculinas”, porque o papel de provedor a reforça de maneira decisiva. Há duas áreas em que as mudanças ocorreram de forma significativa, alterando a ordem familiar tradicional, segundo Sarti (1995): a autoridade patriarcal e a divisão de papéis familiares, modificando substancialmente as relações entre o homem e a mulher e aquelas entre os pais e os filhos no interior da família.

O papel fundamental da mulher na casa dá-se, portanto, dentro de uma estrutura familiar em que o homem é essencial para a própria concepção do que é a família, porque a família é pensada como uma ordem moral, onde o homem representaria a autoridade. Mesmo quando ele não provê a família, sua presença “desnecessária” continua necessária. A autoridade na família, fundada na complementaridade hierárquica entre o homem e a mulher, entretanto, não se realiza obrigatoriamente nas figuras do pai e da mãe. Diante das frequentes rupturas dos vínculos conjugais e da instabilidade do trabalho que assegura o lugar do provedor, a família busca atualizar os papéis que a estruturam, através da rede familiar mais ampla. (SARTI, 1994, p. 49).

As histórias familiares de Gustavo e Pedro mostram mudanças da estrutura, com mulheres assumindo o papel de provedoras. No caso de Gustavo quem assumiu este papel foi sua mãe, após processo de separação. No de Pedro foi a avó materna (considerada mãe de criação, a “verdadeira”, para ele), após “abandono” da mãe biológica. Atualmente a tia de Edgar também desempenha o papel de provedora em sua vida, pois quando ele sai do abrigo nos finais de semana (quinzenalmente, na maioria das vezes), é na casa desta que fica. Esta tia tem menos de 30 anos, mora com um filho e é a mantenedora do lar. Apesar do vínculo com a mesma não ser sanguíneo, é o único laço de afeto que Edgar relata ter. É ela quem o sustenta quando não está no abrigo e dá os “extras” que ele pede.

Recorrente foi o registro de situações de dor nas experiências familiares que foram narradas pelos participantes do estudo. Embora relatadas de formas



diferentes, com maior ou menor intensidade, lágrimas ou não, todos eles compartilharam vivências de sofrimento em sua infância e/ou adolescência.

Como diz Sarti (2001), em toda experiência de dor é fundamental considerar a importância da família, pois da família vêm as primeiras referências de significado que estruturam as experiências vividas.

Na dor, manifesta-se claramente a relação entre o indivíduo e a sociedade. As formas de sentir e de expressar a dor são regidas por códigos culturais e a própria dor, como fato humano, constitui-se a partir dos significados conferidos pela coletividade, que sanciona as formas de manifestação dos sentimentos. Embora singular para quem a sente, a dor se insere num universo de referências simbólicas, configurando um fato cultural. (SARTI, 2001, p.3).

Embora singular para quem a sente, a dor, como qualquer experiência humana, traz a possibilidade de ser compartilhada em seu significado, que é uma realidade coletiva, como diz Sarti em “A dor, o indivíduo e a cultura” (2001, p.4). “Mas como saber da dor do outro? E a nossa dor? Como vivenciá-la e expressá-la? Quem irá entendê-la e como? O que há de social num sentimento tão singular?”. Admite-se, com uma frequência maior, que existam componentes psíquicos e sociais, na forma como se sente e se vivencia a dor.

Nenhuma realidade humana prescinde de dimensão social, tampouco o corpo ou a dor. A singularidade da dor como experiência subjetiva torna-a um campo privilegiado para se pensar a relação entre o indivíduo e a sociedade. Toda experiência individual inscreve-se num campo de significações coletivamente elaborado. As experiências vividas pelos indivíduos, seu modo de ser, de sentir ou de agir serão constitutivamente referidos à sociedade à qual pertencem. Ainda que traduzido e apreendido subjetivamente, o significado de toda experiência humana é sempre elaborado historicamente e culturalmente, sendo transmitido pela socialização, iniciada ao nascer e renovada ao longo da vida. (SARTI, 2001, p.4).

Retomando alguns dos aspectos que apareceram nas narrativas dos interlocutores da pesquisa, como a questão do “limite” e de como cada um lida com a própria dor, lembro-me de Peterson, 48 anos em 2012, Técnico em Enfermagem, que embora não tenha sido entrevistado (assim como outros a

seguir),foi um usuário que atendi diversas vezes no OGIDERJ, junto com a Psicologia. Uma vez ele disse:

Tudo que faço, faço em excesso... o adicto grita por limite... não quero morrer drogado... isso é o fim... por que não uma morte comum?... é complexo... se tornou um estilo de vida... tô vivendo de teimoso... minhavontade é me acorrentar... quando recebo, não pode sobrar... eu perco o controle de mim quando começo a usar droga.

Fernando, Bombeiro, com 45 anos na época (2012), colocou em um dos grupos terapêuticos que iniciou o uso de drogas, “consciente ou inconscientemente”, quando o pai saiu de casa, o “abandonando”, juntamente com sua mãe e mais dois irmãos. Vemos aqui a questão do referencial de masculinidade presente na narrativa deste sujeito:

Toda vez que eu traía eu usava drogas... eu queria ser como ele (que teve “várias mulheres”)... idolatrava ele... quando eu usava drogas vinha a figura dele na minha mente... ele fazia, eu vou fazer também.

Márcio, com cerca de 36 anos em 2012, usuário de crack e de cocaína injetável, respondeu a processo por ter esfaqueado a ex-mulher. Seu pai era usuário de múltiplas drogas e soropositivo e sua mãe alcoolista, tios usuários de drogas e “traficantes”. Demonstrava reproduzir em suas escolhas vivências de sua infância e adolescência. Passou dezenas de vezes pelo OGIDERJ. Numa dessas vezes relatou:

Me sinto muito só desde pequeno, minha mãe alcoolizada, meu pai se drogando e batendo nela... minha vó me acolhia às vezes... fui morar na rua pra não ver isso. (...) Sem a droga eu sou uma pessoa boa... com a

droga surge um monstro em mim, me lembro das coisas que eu vivi e sobe uma revolta...

A dor como realidade social é simbolizada também mediante os distintos lugares sociais dos indivíduos. Os participantes do estudo reforçaram esta ideia na medida em que relataram frustrações e as associaram a perdas pelo fato de não terem atingido determinada posição social, acadêmica, intelectual. Segundo Sarti (2001, p.9), “dentro de uma mesma sociedade, os indivíduos são portadores de condições sociais diferenciadas, de acordo com as clivagens sociais, entre elas, as de gênero, de classe e etnia, qualificando a realidade da dor”, podendo haver maior ou menor tolerância à dor conforme aquilo que do indivíduo se espera, segundo seu lugar social. O lugar social do sujeito qualifica a sua dor e determina a reação do outro em face da sua dor.

Dentro do próprio espaço institucional ouço expressões que contribuem para a estigmatização, institucionalização e culpabilização do sujeito. No próprio serviço se reproduz uma ordem moral sobre o que é masculinidade, uma ordem que compõe as narrativas dos interlocutores sobre situações de dor e sofrimento que, não visões deles, fortalece o vínculo com as substâncias psicoativas. Como exemplo, lembro-me de falas de profissionais a respeito de usuários em atendimento, que reforçam esta reflexão: “você tem que ser sujeito homem”, “você precisa sair da barra da saia da sua mãe”.

Lembro-me também da história de Jair, que contou sobre seu medo para “chegar em mulheres”, pois quando não está sob o efeito da droga ele lembra que é “negro e gordo”. “Me sinto inferior” – reprodução de uma ordem moral, violência simbólica (ainda que ele não o saiba) e opressão, que se desdobram no sofrimento social vivido por este sujeito.

As palavras “violência” e “sofrimento” surgem inúmeras vezes no trabalho da antropóloga indiana Veena Das, conforme colocam Misse, Werneck, Birman, Pereira, Feltran e Malvasi, em entrevista realizada com a mesma, no ano de 2012. Nesta, Das fala de algumas vertentes de sua obra, sendo uma delas a da preocupação com o sofrimento, questão com que passei

a me identificar principalmente a partir do meu trabalho de campo, e do conceito de cotidiano, “lugar tanto do hábito quanto como algo atado ao ceticismo” (p.343). Afinal, diz a entrevistada, “é da natureza da vida cotidiana que a significância dos eventos não seja dada no momento de sua ocorrência e é da natureza da experiência que seu significado nos diga respeito” (p.343 e 344).

A segunda vertente de minha obra veio de uma preocupação com o sofrimento e nasceu de reações provocadas por alguns eventos, que se localizam tanto em alguns momentos de meu trabalho de campo, quando, por exemplo, repentinamente me dei conta de que aquilo que me parecia ser ritmos normais da vida familiar estava profundamente enraizado na violência de grandes eventos que teriam se desdobrado na vida cotidiana, quanto em momentos de levantes políticos em que o sofrimento das vítimas não estava sendo reconhecido. (MISSE, M.; Werneck, A.; Birman P.; Pereira, P.P.; Feltran, G. e Malvasi, P. 2012, p.343).

Segundo Das e Kleinman (2000), a violência social reproduzida nos serviços públicos e na sociedade de uma forma geral é muitas vezes interpretada como “um preço a pagar” para os indivíduos vivenciarem sentimentos de pertença identitária e social. A violência social se revela na individualização das responsabilidades, promovendo a culpabilização das pessoas por suas escolhas. Ao se revelarem espaços em que a violência simbólica é reproduzida, os serviços públicos contribuem na intensificação do sofrimento social dos sujeitos que os procuram.

Para Jurandir Freire Costa (2004), uma das resistências suscitadas pelo imaginário do mercado é resistência da fraqueza dos excessos, isto é, os vários distúrbios psicológicos derivado do modo de viver atual, como a dependência química; “o estilo de vida competitivo, a insegurança nos postos de trabalho, a ansiedade pelo sucesso econômico vêm gerando um rol de sintomas típicos do estresse físico e mental” (p. 85/86).

Poucos são os estudos que se preocupam em compreender os efeitos da dominação masculina sobre os próprios homens. Temos que reconhecer que os homens, embora estejam no polo dominante dessas relações, se encontram também submetidos a um conjunto de constrangimentos sociais que

impõem, por sua vez, padrões bastante estritos de concepções e comportamentos.

Os “efeitos” do gênero podem ainda ser verificados quando vemos que o uso abusivo do álcool – embora seja difícil determinar essa medida – ou o consumo de drogas ilícitas são bem maiores entre os homens que entre as mulheres. Estes dados sinalizam não apenas a distribuição diferencial de doenças que podem advir do abuso dessas substâncias, mas também diferentes padrões de comportamento entre gêneros. (KNAUTH, Víctora, Leal; 2005, p.148).

Segundos os mesmos autores imediatamente antes citados, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid, 2003) realizou quatro levantamentos nacionais ao longo dos últimos anos que mostraram que para o caso de drogas lícitas (álcool e tabaco) não se observou um consumo muito diferente entre os sexos, mas quando se trata de drogas ilícitas (maconha, crack, cocaína, injetáveis etc.) as prevalências são maiores no sexo masculino. “Isto também está demonstrado em outros estudos epidemiológicos mais recentes que podem contribuir para o debate sócio-antropológico sobre as experiências e os contextos de construção de gênero e suas implicações” (KNAUTH, Víctora, Leal; 2005, p.149).

Entre as experiências de gênero que se destacam na juventude, a iniciação sexual aparece como um dos momentos em que os jovens se encontram, particularmente, numa posição vulnerável. Para os jovens homens, o exercício da sexualidade se coloca como um dos principais aspectos da construção e da afirmação da masculinidade.

(...) não há uma diferenciação muito nítida entre as drogas lícitas e as ilícitas, visto que na categoria de drogas são incluídas diferentes substâncias – que vão do cigarro à cocaína, passando pelos medicamentos – consideradas como potencialmente causadoras de dependência, ou, na sua expressão mais usual, vício. (KNAUTH, Víctora, Leal; 2005, p.157).

Este texto traz algo interessante que surgiu em diversas falas nas entrevistas realizadas. Embora o uso de drogas durante a fase da juventude

possa ser percebido como parte da construção da masculinidade, a continuidade do uso pode colocar em risco esta mesma masculinidade. “Ou seja, com o avanço da idade adulta, o uso de drogas dificulta a concretização do *status* social de homem adulto, trabalhador, homem de respeito e provedor de família, colocado como o ideal pelos membros dos grupos populares” (2005, p. 158). O que é colocado neste trecho reforça o sentimento de “não enquadramento”, “frustração”, “vulnerabilidade” e “instabilidade” (nas mais diferentes áreas) verbalizado pelos interlocutores da pesquisa. São recorrentes nos atendimentos no OGIDERJ expressões como “vergonha de ter perdido... a autoestima, a alegria de viver, a coragem”, “perder a moral, o respeito, o carinho”, “eu quero ser útil para alguma coisa”, “queria voltar a dar orgulho pros meus pais”, “eu gostaria de ser uma referência positiva pra minha família, mas me considero negativa”, se referindo principalmente à área profissional e a não atender às expectativas da família. “Esta vulnerabilidade se constrói ou está dada pelas próprias formas de construção da masculinidade, que tem na juventude um de seus nódulos centrais” (2005, p. 158), havendo, portanto, uma série de fatores associados (em razão, também, das características atribuídas a esta fase de vida) que compõem o universo masculino de grupos populares e que contribuem para esta “vulnerabilidade”, principalmente dos mais jovens. Segundo o mesmo texto, as abordagens devem sempre tomar como foco não os indivíduos, mas os grupos sociais aos quais estes se vinculam.

Não é possível ser conclusivo, muito menos dar conta da problemática da dor. Tenho apenas a intenção de trazer reflexões no sentido de ter-se presente, ao cuidar da dor, que ela se constitui simbolicamente, como coloca Sarti (2001), tendo, portanto, um significado para quem a vivencia, concepção que pode contribuir para beneficiar a prática do atendimento à dor.

Como estar atento ao que não é perceptível de imediato, isto é, o significado da dor para quem a sente? Como pensá-lo na teia das relações sociais nas quais se inscreve a realidade do sujeito, incluindo nesta realidade o profissional sobre quem é depositada toda a expectativa de alívio e de tornar a dor suportável? Do pouco que se pode saber sobre a dor, sabemos que nela se revela, simultaneamente, a singularidade do sujeito, sua dor, a particularidade da cultura, na qual se manifesta, e a universalidade da condição humana, impossibilitada de fugir de sua realidade implacável. (SARTI, 2001, p.11).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tenho desejo e sinto necessidade, para viver, de uma outra sociedade diferente desta que me rodeia. (...) Desejo e peço que antes de tudo meu trabalho tenha um sentido, que eu possa aprovar tudo aquilo a que lhe serve e a maneira como é feito e que me permita entregar-me a ele verdadeiramente e usar minhas faculdades, bem como enriquecer-me, desenvolver-me. E digo que isto é possível, com uma outra organização da sociedade, para mim e para todos. (CASTORIADIS, 1982, p.113).

Tive a intenção de trazer nesta pesquisa o que seria “problema” para os sujeitos ouvidos, suas experiências de vida, perspectivas e os significados que eles atribuem a cada um desses aspectos, assim como o que reconhecem como contexto de vida em que o abuso de drogas se configurou.

Procurei pontuar também a questão de gênero nos papéis sociais, visto que os entrevistados são todos homens, e como eles fazem para sustentar este lugar.

O conceito de trabalho, o exercer alguma atividade laborativa de modo formal, informal com ou sem vínculo, também apareceu em diversas falas. O “não ser socialmente inserido/reconhecido”, “querer ser alguém” e a pergunta de praxe na sociedade, do jeito que está organizada atualmente: “o que você faz?”, permite a reflexão sobre a noção de sofrimento social, conforme problematizado ao longo desta pesquisa.

Não devemos nos colocar na busca de uma causa pra explicar os fenômenos sociais ou qualquer outra coisa – são questões complexas. Por isso, não tive a intenção com esta pesquisa de esgotar assunto tão denso em tão poucas páginas. O tema do uso de drogas é atual e diversos autores renomados têm produzido material de grande contribuição pra nossa sociedade. Desejei, no entanto, contribuir a partir da minha prática, observações, estudos, pesquisas e entrevistas, para que se amplie o olhar a respeito do usuário de substâncias psicoativas para além deste uso, que não se esgota no ato em si, mas afeta tanto ao próprio, como às demais esferas de sua vida e relacionamentos.

Como proposta de pesquisa, dita inicialmente, esta dissertação buscou analisar narrativas sobre o consumo abusivo de drogas e situações de sofrimento vivenciadas durante a adolescência de usuários do OGIDERJ. O estudo objetivou relacionar os diversos tipos de violência e dor vivenciados por um grupo de adultos atendidos por mim naquele local e conhecer o lugar dos fatos narrados na trajetória de uso e abuso de drogas.

A pesquisa constatou que as referências a situações familiares e relacionadas ao trabalho foram recorrentes e comumente associadas ao sofrimento gerado pela ideia de falha na busca de status social. Observou ainda que as histórias narradas tratam de um sentimento de fracasso com relação ao ideal de masculinidade e sucesso experimentado desde a adolescência pelos participantes do estudo.

Inicialmente pensei em explorar o conceito de violência como o centro de onde partiria esta pesquisa, mas o retorno que os próprios usuários me deram nas entrevistas, juntamente com os posicionamentos trazidos pela



banca examinadora na qualificação e a orientação recebida pelo Prof. Dr. Paulo Artur Malvasi, me fizeram ampliar a análise sobre toda esta dissertação.

Desejo, como Castoriadis (1982), poder encontrar o outro como um ser igual a mim e absolutamente diferente, não como um número, nem como inferior ou superior na hierarquia dos rendimentos e dos poderes. Desejo poder vê-lo e que ele possa ver-me como um outro ser humano.

Todas as entrevistas, assim como os muitos atendimentos individuais e em grupo, diálogos informais, improvisados no corredor, na sala de espera, no telefone do trabalho ou até mesmo no particular, só têm me feito concluir que eu jamais poderei concluir. O ser humano é dinâmico, incompleto, inconstante, insatisfeito, inconformável, simplesmente desconfortável. Ao ver o outro, me vi. Ao ouvir o outro, me ouvi. Ao falar para o outro, falei na verdade para mim mesma. O que antes era preconceito, agora é aprendizado, amplitude da minha minúscula visão. Escolher pelo prazer, escolher por causa da dor, ou só escolher, sem pensar, porque não foi ensinado que as escolhas têm consequências ou que se é livre para dizer sim e não. Que não precisa ser escravo de nada e muito menos de si mesmo. Que pode olhar para o passado e (re)construir seu projeto de vida. Aprendi que tudo é possível e que uma das coisas que mais quero é nunca desacreditar no ser humano.

Por fim, faço das palavras de Das as minhas, ao dizer que, “ao estar atento à vida dos outros, também damos sentido a nossas vidas, ou pelo menos é como sinto” (MISSE, M.; Werneck, A.; Birman P.; Pereira, P.P.; Feltran, G. e Malvasi, P. 2012, p.344).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Leny. **Trabalho de campo, narrativa e produção de conhecimento na pesquisa etnográfica contemporânea: subsídios ao campo da saúde.** Ciênc. Saúde coletiva vol. 17 n.3. Rio de Janeiro mar. 2012.

ANTUNES, André. **A droga e o pânico social.** Cidade: Jornal Brasil de Fato. 16 de maio de 2013. Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/node/12490>

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** 10<sup>a</sup> ed. Forense Universitária, 1958.

BARROS, Nivia Valença. **Violência intrafamiliar contra criança e adolescente.** Rio de Janeiro, 2005. 248f. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BEHRING, Elaine Rossetti; Boschetti, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história.** 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOURDIEU, Pierre; Passeron, Jean-Claude. **La Reproduction; éléments pour une théorie du système d'enseignement**. Paris: Minuit, 1970.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas em Saúde, Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. Brasília: OPAS, Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004b.

CADERNO DE SOCIOLOGIA. 2009. Consulta online em 16/05/14.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. **Sofrimentos sociais em debate**. Psicologia USP, vol. 14 n. 3. São Paulo, 2003.

CARTILHA de Redução de Danos para Agentes Comunitários de Saúde. **Diminuir para Somar**. Viva Rio e Prefeitura do Rio de Janeiro. 2010.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CARVALHO, João Eduardo Coin de. **Violência e sofrimento social: a resistência feminina na obra de Veena Das**. Saúde e Sociedade. Vol. 17, n. 3. São Paulo, 2008.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Família e Políticas Públicas**. In: Ana Rojas Acosta; Maria Amália Faller Vitale. (Org.). Família: Redes, Laços e Políticas Públicas. 1ªed. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

CASTEL, R. e Haroche, C. **Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi**. Paris: Fayard, 2001.

CFESS. Conselho Federal de Serviço Social. [www.cfess.org.br](http://www.cfess.org.br).

CRESS. Conselho Regional de Serviço Social. [www.cress-mg.org.br](http://www.cress-mg.org.br).

COMPARATO, Fábio Konder. **A afirmação histórica dos direitos humanos**. 7ª ed., revista e atualizada. Editora Saraiva, 2010.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990.

FERRARINI, Adriane Vieira. **Serviço Social e terapia familiar: novas famílias, novas práticas e o desafio de integrar teorias**. In: Nova perspectiva sistêmica. Rio de Janeiro. Instituto de terapia familiar do Rio de Janeiro, n. 24. Junho 2004.

FIORE, Mauricio. **Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos**. Unicamp –SP, 2013.

FONSECA, C; Cardarello, A. D. L. Direitos dos mais e menos humanos. In FONSECA, C.; Schuch, P. (orgs). **Políticas de proteção à infância: um olhar antropológico**. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2009, p. 219-242.

FONSECA, Cláudia. **Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica**. SAÚDE E SOCIEDADE. São Paulo, v.14, n. 2, p. 50-59, maio-ago. 2005.

GALEANO, Eduardo. **Las venas abiertas de América Latina**. Página 341. Publicado por Siglo XXI, 2006.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 4ª ed. Editora Vozes, 1997.

GUEIROS, Dalva Azevedo. **Família e proteção social: questões atuais e limites da solidariedade familiar**. Revista Serviço Social e Sociedade. Cortez Editora, n. 71, ano XXIII, especial 2002.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2005.

KLEINMAN, A.; Das, V.; Lock, M. (Ed.). **Social suffering**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1997.

KLEINMAN, A. **The violences of everyday life: the multiples forms and dynamics of social violence**. In: Das, V. et. al. (Org.). *Violence and subjectivity*, Berkeley: University of California Press, 2000.

KNAUTH, D. R.; VÍCTORA, C. G.; Leal, A. F. **Liberdade, sexo e drogas: a vulnerabilidade de homensjovens de camadaspopulares**. Adorno RCF, Alvarenga AT & Vasconcelos, MPC (organizadores). *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo: Fapesp/Edusp. 2005. 293p.

MALVASI, P. A. **Entre a frieza, o cálculo e a “vida loka”: violência e medida socioeducativa**. *Saúde Soc.* Vol. 20, n. 1. São Paulo, Janeiro/Março 2011.

MINAYO, Maria Cecília S. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2012.

\_\_\_\_\_ **Antropologia Cultural – o sentido do pertencer**. In: *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* Ivani Fazenda – São Paulo. Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_ **Interdisciplinaridade: funcionalidade ou utopia?** In: *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* Ivani Fazenda – São Paulo. Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_ **O desafio da pesquisa social**. Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_ **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

\_\_\_\_\_ **Violência social sob a perspectiva da saúde pública**. *Caderno de Saúde Pública*, 1994.

MISSE, M.; Werneck, A.; Birman P.; Pereira, P.P.; Feltran, G. e Malvasi, P. **Entre palavras e vidas: um pensamento de encontro com margens, violências e sofrimentos**. Entrevista com Veena Das. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social* - Vol. 5, n. 2, pp. 335-356. 2012.

NOVAES, Regina; Vannuchi, Paulo. Jurandir Freire Costa. **Perspectivas da juventude na sociedade de mercado – Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. Editora Fundação Perseu Abramo, p.85/86, 2004.

O GLOBO, Jornal. **Sociedade: sofrimento em dobro. Abuso gera abuso**. 08/05/14, p. 33.

ONU. **Estudo das Nações Unidas sobre A violência contra crianças**. 2006.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. Cortez Editora, 2003.

PEREIRA, Irandi. **Controle social da política de direitos ao adolescente em conflito com a lei**. Artigo do livro: LIBERATI, Wilson D. (coord.). Gestão da Política de direitos ao adolescente em conflito com a lei, São Paulo: Letras Jurídicas, 2011, p. 51-80.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes; Sudbrack Maria Fátima Olivier. **Drogadição e Atos Infracionais na Voz do Adolescente em Conflito com a Lei**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2008, Vol. 24 n. 2, pp. 151-159. Universidade de Brasília.

POLÍTICA Nacional sobre Drogas. Resolução n. 3/GSIPR/CH/CONAD. Brasília, 2005.

PUSSETTI, Chiara e Micol, Brazzabeni. **Sufrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo**. *Etnográfica* [Online], vol. 15, 2011. Posto online em 23/10/11, consultado no dia 28/10/13. URL : <http://etnografica.revues.org/1036> ; DOI : 10.4000/etnografica.1036.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 1956.

SARTI, Cynthia Andersen. **A dor, o indivíduo e a cultura**. Saúde e Sociedade. São Paulo, v.10, n.1, p.3-13, 2001.

\_\_\_\_\_ **A família como ordem moral**. Cad. Pesq., São Paulo, n.91, p.46-53, nov., 1994.

\_\_\_\_\_, MCB Carvalho. **A Família Contemporânea. Família e individualidade: um problema moderno.** Editora Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_, Nunes CB, Ohara CVS. **Profissionais de saúde e violência intrafamiliar contra a criança e adolescente.** Acta paul. enferm.[online]. Vol.22, p. 903-908, 2009.

SARTÓRIO, A. T.; Rosa, E. M. **Novos paradigmas e velhos discursos: analisando processos de adolescentes em conflito com a lei.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 103, p. 554-575, jul./set. 2010.

TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa.** PetrópolisRJ. Editora Vozes, 2003.

VARGAS, Eduardo. **Uso de drogas: a alter-ação como evento.** Ver. Antropol. Vol. 49, n.2. São Paulo, Julho/Dezembro, 2006.

VÍCTORA, C. G.; Knauth, D. R.; Hassen, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** Porto Alegre, Tomo Editorial, 2000.

VOLPI, Mario. **O adolescente e o ato infracional.** Cortez, 4ª ed. São Paulo, 2002.

ZAPPE, Gonçalves; Dias, Ana Cristina Garcia. **Adolescência, violência e uso de drogas: um estudo de casos múltiplos.** Adolesc. Saude, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 30-36, abr/jun 2012.

## **ANEXO**

### **Roteiro**

- 1) Quantos anos você tinha quando iniciou o uso de drogas? Qual (is) a(s) droga(s)?
- 2) Com quem você morava quando iniciou o uso de drogas e como era a dinâmica familiar? Com quem vivia? Quantas pessoas na casa?
- 3) Você faz alguma associação entre o início desse uso e alguma experiência vivida na infância e adolescência? Você considera que esta experiência foi um tipo de violência? Qual?
- 4) Você consegue perceber a escolha pela droga como uma forma de não sentir dor ou amenizar o sofrimento?
- 5) Você considera que tinha outras possibilidades/oportunidades além da droga para enfrentar as questões que se colocavam?
- 6) Quais são as perdas que você avalia que teve com a sua trajetória de uso de drogas? E os ganhos?



- 7) O uso/abuso de drogas implicou em alguma relação com o crime, durante a sua adolescência? E na fase adulta?
- 8) Por qual motivo você buscou acompanhamento para o uso abusivo de drogas?
- 9) Como hoje você enfrenta as questões que considera difíceis, que envolvem dor e sofrimento?